

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ALEX ANTONIO DA SILVA

GÊNESIS 2,4b-25:

Uma análise literária, histórica e antropológica

RECIFE/2019

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ALEX ANTONIO DA SILVA

GÊNESIS 2,4b-25:

Uma análise literária, histórica e antropológica

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. Linha de Pesquisa: Literatura bíblica e teológica: interpretação. Orientador: Prof^o. Dr^o. Cláudio Vianney Malzoni.

RECIFE/2019

Catálogo da Publicação na Fonte
Universidade Católica de Pernambuco
Biblioteca Geral

S586g

Silva, Alex Antonio da

Gênesis 2,4b-25 : uma análise literária, histórica e
antropológica / Alex Antonio da Silva, 2019.

78 f.

Orientador: Cláudio Vianney Malzoni

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.
Mestrado em Teologia, 2019.

1. Bíblia. A.T. Gênesis. 2. Bíblia - Comentários. 3. Bíblia -
Aspectos antropológicos.

I. Título.

CDU 222.11

Alex Antonio da Silva

**Gn 2,4b-25:
uma análise literária, histórica e antropológica**

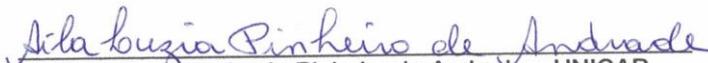
Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Aprovada em 20 de 02 de 2019, pela banca examinadora.

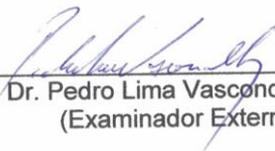
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni – UNICAP
(Orientador)



Prof. Dra. Aila Luzia Pinheiro de Andrade – UNICAP
(Examinador Interno)



Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcelos – UFAL
(Examinador Externo)

RESUMO

Dentre os diversos campos de interesse dos estudos teológicos, a pesquisa bíblica, realizada através de diversos métodos exegéticos, está entre os mais importantes. Através da investigação bibliográfica, o presente trabalho se presta a fazer uma análise literária, histórica e antropológica da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Uma vez que a Bíblia surge como obra literária, o primeiro trabalho a ser realizado consiste propriamente em colocar em destaque os aspectos literários da perícópe escolhida. Na sequência, vem a apresentação do contexto sociopolítico e religioso em que se formou a perícópe do Gn 2,4b-25, que prepara para a compreensão da antropologia subjacente ao texto em estudo. Essa antropologia se caracteriza por apresentar o ser humano, homem e mulher, em relação entre si, com as coisas criadas e com Deus.

Palavras-chave: Livro do Gênesis – narrativa bíblica da criação – antropologia bíblica – narrativas da criação no Próximo Oriente Antigo

ABSTRACT

Among the various fields of interest in theological studies, biblical research, conducted through various exegetical methods, is among the most important. Through the bibliographical research, the present work lends itself to a literary, historical and anthropological analysis of the narrative of the creation of man and woman in Gn 2,4b-25. Once the Bible appears as a literary work, the first work to be carried out consists in highlighting the literary aspects of the chosen period. Next comes the presentation of the sociopolitical and religious context in which the passage of Gn 2,4b-25 was formed, which prepares for an understanding of the anthropology underlying the text under study. This anthropology is characterized by presenting the human being, man and woman, in relation to each other, with created things and with God.

Keywords: Book of Genesis - biblical narrative of creation - biblical anthropology - creation narratives in the Near East Ancient

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. ANÁLISE LITERÁRIA DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25	7
1.1 Texto hebraico da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25...	8
1.2 Tradução da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn2,4b-25	11
1.3 Compreensões do texto	13
1.3.1 <i>Delimitação interna da perícopre: moldura da perícopre</i>	14
1.3.2 <i>As subunidades da perícopre</i>	21
1.3.3 <i>Estrutura interna da perícopre</i>	23
1.4 Análise semântica e comentário de palavras chave na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.....	24
Síntese do primeiro capítulo.....	29
2. O CONTEXTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E LITERÁRIO DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25	31
2.1 A hipótese da autoria e datação da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.....	31
2.1.1 <i>De Moisés à autoria múltipla</i>	32
2.1.2 <i>Gn 2,4b-25: uma aproximação histórica</i>	33
2.2 A Geografia da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.....	35
2.2.1 <i>Pisando nas terras bíblicas</i>	35
2.2.2 <i>Pisando nas terras da narrativa</i>	36
2.3 A situação de Judá no exílio da Babilônia (587-539 a.C.).....	37
2.3.1 <i>O império babilônico e a dominação de Judá</i>	38
2.3.2 <i>A ruptura da vida em Judá</i>	39
2.3.3 <i>Os exilados na Babilônia e a luta dos refugiados em busca de segurança</i>	40
2.3.4 <i>Sofrimento e aprendizado: a gênese de uma literatura de resistência</i>	42

2.4 O contexto histórico da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.....	42
2.4.1 <i>A importância dos achados arqueológicos e a descoberta da documentação literária do Oriente Próximo.....</i>	43
2.4.2 <i>Enuma Elish e a semelhança com Gn 2,4b-25.....</i>	45
2.4 O mito no Oriente Próximo.....	48
2.5 O contramito e a identidade literária na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.....	50
Síntese do segundo capítulo.....	52
3. ANTROPOLOGIA SUBJACENTE À NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25.....	53
3.1 Noções de antropologia bíblica: uma porta de entrada na visão de mundo e de ser humano a partir de Gn 2,4b-25.....	53
3.2 A visão sobre o ser humano e sobre o mundo: o que afirma o Gn 2,4b-25.....	58
3.2.1 <i>O homem e a mulher criados por Deus e para a relação com ele.....</i>	59
3.2.2 <i>O homem e a mulher na relação um com o outro.....</i>	61
3.2.3 <i>O homem e a mulher na relação com as coisas criadas.....</i>	65
Síntese do terceiro capítulo.....	67
Considerações finais.....	69
Referências.....	73

INTRODUÇÃO

É sempre atual, no campo do estudo bíblico, a pergunta do renomado teólogo Bernhard Häring em um breve ensaio de teologia, datado de 1993: “Porque não fazer de outra maneira?” (SELLA, 2011, p. 7). Para o teólogo, repensar os próprios fundamentos e alicerces da fé não parece ser uma tarefa simples, porém necessária se se quer continuar dando razões da própria fé e da esperança em um mundo marcado por constantes transformações (1Pd 3,15).

A reviravolta teológica promovida pelo Concílio Vaticano II trouxe à teologia novas perspectivas. A Bíblia, alma da teologia, também foi notadamente impactada pela perspectiva do Vaticano II. Textos bíblicos de singular relevância foram aprofundados com auxílio de novas técnicas de estudo e abordagens diversas. Na perspectiva das mudanças que impuseram à ciência bíblica novos caminhos para uma melhor elucidação da fé se insere a provocação de François Euvé:

A busca das origens caracteriza nossa situação atual e lança um desafio à teologia. O fracasso daquilo que poderia estruturar o mundo, a perda dos grandes sistemas explicativos, das ideologias, das grandes narrativas, o temor em face de um futuro cada vez mais incerto impele o ser humano contemporâneo à busca sôfrega de suas raízes, a menos que não se deixe levar pela efervescência dos acontecimentos (2006, p. 17).

Contar histórias é algo tão velho quanto o mundo. Em todas as culturas existiram os contadores de histórias. Desde sempre, os humanos, homens e mulheres, contam e se recontam. Quando se quer preservar a memória se conta a história. Conta-se repetidas vezes. Conta-se até que a história se transforme em memória (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 9).

A Bíblia é um livro de memórias. É a memória escrita das histórias contadas por um povo com seu Deus. Israel viveu de dizer e redizer a história entrelaçada entre Deus e os seus. Por outro lado, histórias não se contam de qualquer maneira. As narrativas que, construídas ao longo de séculos, contam a história do povo da Bíblia obedecem a engenhosas regras de composição.

Por isso, nos últimos anos teve expressivo desenvolvimento, na academia, o estudo da Bíblia como obra literária. Os textos bíblicos foram revisitados sob uma nova perspectiva. Passou-se da simples visão religiosa para o complexo campo da literatura. Basta um olhar atento e se perceberá, na Bíblia, elementos próprios da literatura como a estética, a poética, a retórica e a própria arte da narratividade. A Bíblia é uma composição literária, ou seja, é a expressão linguística da concepção singular do povo de Deus.

Para Robert Alter, renomado estudioso da Bíblia, por se tratar de texto literário, como outros textos da literatura clássica, tais como a Odisseia de Homero, Dom Quixote de Miguel de Cervantes, Hamlet de William Shakespeare, as páginas que formam o livro judaico-cristão se permitem a análise e o esforço orientados pela exegese e hermenêutica modernas que enriquecem e aprofundam o amplo sentido dos textos (1997, p. 12).

Contudo, há que se levar em consideração que histórias não se contam do nada. Histórias têm chão. As histórias bíblicas não estão soltas. Elas reproduzem um ambiente concreto, retratam um contexto histórico específico. Um texto bíblico fala sobre costumes, ritos religiosos, indumentárias e seus significados, palavras que variavam de acordo com o sentido, com a concepção de mundo. Um texto bíblico carrega em si a vida do dia a dia do povo de Israel. Carrega também a vida de quem o escreve e da comunidade que o conserva.

Esta pesquisa deter-se-á nos aspectos literários, históricos e antropológicos da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. A eficácia desta abordagem tem sido demonstrada nos meios acadêmicos. Não se tem dúvidas de que a crítica bíblica profissional foi profundamente afetada por ela. A maneira como o leitor, em geral se aproxima da Bíblia foi radicalmente ressignificada. De acordo com Robert Alter:

O que ainda é mais importante, o leitor em geral tem diante de si uma nova concepção da Bíblia como obra de grande força e autoridade literária, obra sobre a qual se pode perfeitamente acreditar que tenha podido moldar as mentes de homens e mulheres por mais de dois milênios (1997, p. 12).

Para a análise do contexto histórico e estudo literário da perícopa, serão utilizados o método histórico-crítico e o método da análise narrativa. Com a utilização destas ferramentas, pretende-se-á uma análise rigorosa da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 na tentativa de elucidar os aspectos históricos e literários presentes na narrativa.

Embora muito já se tenha dito sobre o assunto, questões envolvendo a problemática da relação entre a Bíblia e seus aspectos literários ainda apresentam elementos a serem esclarecidos. Esta pesquisa pretende apontar elementos para uma leitura ampla dos textos bíblicos e não só da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. A Bíblia nasce como literatura da fé: a rima, a métrica, a retórica, as figuras de linguagem, os gêneros literários, os poemas. Tais elementos podem ser encontrados em toda a Bíblia. Do Antigo ao Novo Testamento.

A Bíblia, em sua gênese, nasce como literatura da fé. Quando se tem uma visão estritamente religiosa da Bíblia, lê-la como obra literária pode se tornar um problema. Afirmar que, em seus aspectos literários, ela se assemelha à obra produzida por Clarice Lispector parece um equívoco. Contudo, tem sido cada vez mais comum os estudiosos da Bíblia aplicarem técnicas próprias da análise literária aos textos bíblicos, à semelhança dos clássicos da literatura mundial.

Na linha dos pesquisadores Júlio Paulo Tavares Zabatiero e João Leonel, com o tema das aproximações teóricas entre os estudos bíblicos e os da linguagem, esta pesquisa toma a direção de procurar dar tratamento literário e discursivo à narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 (2011, p. 5).

O aspecto literário presente nas narrativas bíblicas é, portanto, um desses temas que de tão complexo impressiona e faz-se necessário uma revisitação. Nesta perspectiva, no primeiro capítulo, esta pesquisa buscará apresentar o tema dos aspectos literários presentes na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Se a Bíblia nasce como literatura de fé, as narrativas bíblicas e, em especial a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, carregam a intuição fundamental de um texto literário.

O segundo capítulo busca as raízes históricas da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Um texto tem seus pilares construídos sobre o

chão do seu contexto. Nesse capítulo, são ressaltados: ambientes geográficos, contexto sociopolítico, a visão religiosa do Oriente Próximo e que influenciaram as histórias das origens do povo da Bíblia.

E por fim, mas não menos importante, este trabalho busca apresentar a antropologia subjacente à narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. A antropologia da religião concluiu que, na Antiguidade, os diversos povos tinham sua visão sobre o mundo e sobre o ser humano. A análise do terceiro capítulo se dá em torno da questão antropológica. A partir de escritores conhecidos da literatura teológica a questão da visão de mundo e do ser humano é abordada de acordo com a perícopes em estudo.

1. ANÁLISE LITERÁRIA DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

O presente capítulo traz uma proposta de leitura da narrativa da criação do homem e da mulher, em Gn 2,4b-25, por intermédio de elementos da teoria literária. A discussão central deste capítulo se situa na relação entre Bíblia e literatura. A partir da narrativa da criação do homem e da mulher, em Gn 2,4b-25, serão demonstrados os aspectos literários contidos na narrativa em estudo e será oferecida a possibilidade de verificação dos mesmos elementos em outros textos bíblicos, a partir deste primeiro exercício.

No primeiro momento deste capítulo, é apresentado o texto do Gn 2,4b-25 na língua hebraica. Em seguida, são expostos os argumentos que legitimaram a delimitação da perícopes e a escolha feita pela narrativa em análise. Na sequência, são apresentadas as subunidades da perícopes divididas por temas e sua estruturação interna.

Finalmente, mas não menos importante, será apresentada uma análise semântica de palavras-chave. Sem a pretensão de esgotar o vocabulário, às palavras selecionadas evidenciam a precisão e a perspicácia que são próprias da engenhosa arte de compor narrativas.

1.1 TEXTO HEBRAICO DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

Segundo o pesquisador Daniel Martins Sotelo, o texto do Antigo Testamento, escrito em hebraico e aramaico, foi elaborado através de um marco histórico-cultural no qual se insere a passagem da tradição oral para a tradição escrita. Ainda segundo o autor, esse marco decisivo levou séculos para chegar a sua forma final. Por anos, “o texto foi escrito e reescrito, elaborado com inserções, interpelações, acréscimos posteriores, releituras em certas obras e, por fim, a redação do texto final” (2014, p. 54).

A razoabilidade da hipótese levantada por Daniel Martins Sotelo não se aplica a todos os textos do Antigo Testamento. É interessante salientar, que nem todo o texto do Antigo Testamento conheceu uma tradição oral anterior à redação final. É aceitável pensar que alguns textos do Antigo Testamento não conheceram uma tradição oral. Precisa-los no conjunto da literatura veterotestamentária é uma tarefa árdua e talvez impossível. O que esta pesquisa leva em consideração é que a passagem da tradição oral para a tradição escrita é um acontecimento comum nos textos do Antigo Testamento.

Outro aspecto importante ignorado por Daniel Martins Sotelo é que para o Antigo Testamento, também há textos escritos em grego, ao menos segundo a tradição dos cristãos católicos. Ignorar estes textos significa marginalizar uma parte significativa dos leitores da Bíblia.

Também é importante ressaltar que o material investigado por exegetas e literatos é de cópias do texto que foram sendo preservadas ao longo dos séculos. A crítica literária concluiu que, nas cópias dos manuscritos, faziam-se anotações no texto, preservados na passagem de um copista para outro. Sabe-se ainda que algumas destas anotações foram inseridas na redação final do texto e outras foram perdidas e cobertas pela poeira do tempo (SOTELO, 2014, p. 54).

O hebraico, língua em que foi escrita a narrativa da criação do homem e da mulher, em Gn 2,4b-25, é uma língua semítica alfabética que, diferente das línguas indo-europeias como o latim e o grego, se escreve da direita para esquerda. Os jogos de linguagem hebraica, próprias da língua, bem como a mentalidade típica semítica que neles se expressa devem ser levados em consideração quando se pretende uma aproximação do texto.

Na verdade, quando o objeto de estudo é a Bíblia o texto escrito é elemento imprescindível à pesquisa. A análise literária da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 terá como ponto de partida o texto na língua em que foi escrito assim como se apresenta. Investigar o texto da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 sem um retorno às fontes mais primitivas pode ocasionar a perda de elementos importantes para uma compreensão ampla e mais aproximada do próprio texto.

Voltar às origens do texto é de fundamental importância, ainda que não seja possível determinar com precisão como e quando os livros da Bíblia, que se tem

acesso hoje, foram escritos pela primeira vez. Mesmo as cópias que se conhecem hoje não são anteriores ao terceiro século a.C. As cópias mais antigas dos textos bíblicos que ainda existem são os escritos do Mar Morto, encontrados em meados do século XX, nas grutas de Qumran.

Do ponto de vista da análise literária, ao aproximar-se do texto, na língua em que foi escrito, é possível notar elementos importantes e que, quase sempre, são perdidos no ato da tradução. O estilo, o vocabulário, a rima, a métrica, dentre outros, são elementos importantes que compõe a engenhosa arte de escrever e podem fazer a diferença no momento da análise.

Mediante o que foi abordado, é preciso fazer uma opção quanto ao texto a ser investigado. Neste trabalho, o texto base de estudo será a versão em hebraico que se encontra no BibleWorks-7. O material citado é um software especializado em instrumentos para o estudo da Bíblia e bastante utilizado por estudiosos da Escritura. O texto hebraico apresentado pelo software para o Antigo Testamento é o da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, 5ª edição.

Segue a tradução:

Versão hebraica	Versículos
בְּיוֹם עָשׂוֹת יְהוָה אֱלֹהִים אֶרֶץ וְשָׁמַיִם:	Gênesis 2,4b
וְכָל שְׂוִיַּת הַשָּׂדֶה טָרֵם יִהְיֶה בְּאֶרֶץ וְכָל-עֵשֶׂב הַשָּׂדֶה טָרֵם יִצְמַח כִּי לֹא הִמְטִיר יְהוָה אֱלֹהִים עַל-הָאָרֶץ וָאָדָם אֵינִן לְעַבְדֵי אֶת-הָאָדָמָה:	Gênesis 2,5
וְאָדָם יַעֲלֶה מִן-הָאָרֶץ וְהִשְׁקָה אֶת-כָּל-פְּנֵי-הָאָדָמָה:	Gênesis 2,6
וַיִּצְרֶה יְהוָה אֱלֹהִים אֶת-הָאָדָם עֹפֶר מִן-הָאָדָמָה וַיִּפַּח בְּאַפָּיו נִשְׁמַת חַיִּים וַיְהִי הָאָדָם לְנֶפֶשׁ חַיָּה:	Gênesis 2,7
וַיִּטַּע יְהוָה אֱלֹהִים גֶּן-בְּעֵדֶן מִקְדָּם וַיִּשֶׂם שֵׁם אֶת-הָאָדָם אֲשֶׁר יִצֵּר:	Gênesis 2,8
וַיִּצְמַח יְהוָה אֱלֹהִים מִן-הָאָדָמָה כָּל-עֵץ נְחָמֵד לְמַרְאֵה וְטוֹב לְמֵאֲכָל וְעֵץ הַחַיִּים בְּתוֹךְ הַגֶּן וְעֵץ הַדַּעַת טוֹב וְרָע:	Gênesis 2,9
וְנָהָר יִצֵּא מֵעֵדֶן לְהִשְׁקוֹת אֶת-הַגֶּן וּמִשָּׁם יִפְרֵד וְהִיָּה לְאַרְבַּעַת רְאשִׁים:	Gênesis 2,10
שֵׁם הָאָחָד פִּישׁוֹן הוּא הַסָּבֵב אֶת כָּל-אֶרֶץ	Gênesis

2,11	הַחֲוִילָה אֲשֶׁר־שָׁם הִזָּהֵב:
Gênesis 2,12	וַיִּזְהַב הָאָרֶץ הַהִוא טוֹב שֶׁם הַבְּדֶלֶחַ וְאֶבֶן הַשָּׁהִם:
Genesis 2,13	וּשְׁם־הַנְּהַר הַשֵּׁנִי גִיחוֹן הִוא הַסּוּבֵב אֶת כָּל־אֶרֶץ כּוּשׁ:
Genesis 2,14	וּשְׁם הַנְּהַר הַשְּׁלִישִׁי חֲדַקְל הִוא הַתְּלֵךְ קַדְמַת אֲשׁוּר וְהַנְּהַר הַרְבִּיעִי הִוא פָּרַת:
Gênesis 2,15	וַיִּקַּח יְהוָה אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם וַיַּנְחֵהוּ בְּגֶן־עֵדֶן לְעִבְדָּהּ וּלְשִׁמְרָהּ:
Gênesis 2,16	וַיִּצְוֵה יְהוָה אֱלֹהִים עַל־הָאָדָם לֵאמֹר מִכָּל עֵץ־הַגֶּן אָכַל תֹּאכַל:
Gênesis 2,17	וּמֵעֵץ הַדַּעַת טוֹב וְרַע לֹא תֹאכַל מִמֶּנּוּ כִּי בַיּוֹם אֲכַלְךָ מִמֶּנּוּ מוֹת תָּמוּת:
Gênesis 2,18	וַיֹּאמֶר יְהוָה אֱלֹהִים לֹא־טוֹב הֵיזֶה הָאָדָם לְבִדּוֹ אֶעֱשֶׂה־לוֹ עֶזֶר כַּנְּגִדּוֹ:
Gênesis 2,19	וַיִּצַּר יְהוָה אֱלֹהִים מִן־הָאֲדָמָה כָּל־חַיַּת הַשָּׂדֶה וְאֵת כָּל־עוֹף הַשָּׁמַיִם וַיָּבֵא אֶל־הָאָדָם לִרְאוֹת מִזֶּה־יִקְרָא־לוֹ וְכָל־אֲשֶׁר יִקְרָא־לוֹ הָאָדָם נֶפֶשׁ חַיָּה הִוא שְׁמוֹ:
Gênesis 2,20	וַיִּקְרָא הָאָדָם שְׁמוֹת לְכָל־הַבְּהֵמָה וּלְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּלְכָל־חַיַּת הַשָּׂדֶה וּלְאָדָם לֹא־מָצָא עֶזֶר כַּנְּגִדּוֹ:
Gênesis 2,21	וַיִּפֹּל יְהוָה אֱלֹהִים תְּרִדְמָה עַל־הָאָדָם וַיִּישָׁן וַיִּקַּח אֶחָת מִצַּלְעָתָיו וַיִּסְגֶּר בָּשָׂר תַּחְתָּנָהּ:
Genesis 2,22	וַיִּבֶן יְהוָה אֱלֹהִים אֶת־הַצֶּלַע אֲשֶׁר־לָקַח מִן־הָאָדָם לְאִשָּׁה וַיָּבֵאהָ אֶל־הָאָדָם:
Gênesis 2,23	וַיֹּאמֶר הָאָדָם זֹאת הִפְעַם עָצָם מֵעַצְמִי וּבָשָׂר מִבְּשָׂרִי לְזֹאת יִקְרָא אִשָּׁה כִּי מֵאִישׁ לִקְחָהּ־זֹאת:
Gênesis 2,24	עַל־כֵּן יַעֲזֹב־אִישׁ אֶת־אָבִיו וְאֶת־אִמּוֹ וְדָבַק בְּאִשְׁתּוֹ וְהָיוּ לְבָשָׂר אֶחָד:
Gênesis 2,25	וַיְהִיו שְׁנֵיהֶם עֶרוּמִים הָאָדָם וְאִשְׁתּוֹ וְלֹא יִתְבַּשְׂשׁוּ:

Finalmente, fazer a opção por uma versão ou tradução do texto bíblico não significa menosprezar outras versões e traduções da Bíblia e da narrativa em estudo. A partir de critérios, previamente estabelecidos, o pesquisador tem a total

liberdade de posicionar-se e fazer suas escolhas diante de diversas versões e traduções do texto bíblico.

Feita a escolha pela versão do texto em hebraico, esta análise caminhará na direção de uma tradução em português que, na sua compreensão, favoreça o desenvolvimento desta pesquisa.

1.2 TRADUÇÃO DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

A Bíblia é, sem dúvida, um dos livros mais lidos em todo o mundo e não é de se estranhar a quantidade imensa de traduções que conheceu em diversas línguas. Conforme o biblista C. V. Malzoni, “a Bíblia escrita em hebraico, aramaico e grego, em um período que vai do primeiro milênio antes de Cristo ao primeiro século depois de Cristo, desde os primórdios começou a ser traduzida para os mais diversos idiomas” (2016, p. 11).

As traduções da Bíblia de que se tem conhecimento não são traduções perfeitas. A distância imposta entre o exegeta e o mundo do texto permite ao tradutor, quase sempre, uma tradução aproximada. A versão para o português que está sendo apresentada neste trabalho é aquela da Bíblia de Jerusalém, em sua quinta edição da editora Paulus, do ano de 2008.

Por que a Bíblia de Jerusalém e não outra tradução? A Bíblia de Jerusalém é atualmente uma das mais importantes e conhecidas traduções da Bíblia. As traduções foram feitas a partir dos textos originais hebraicos, aramaicos e gregos. Para o Antigo Testamento, os tradutores da Bíblia de Jerusalém se guiaram a partir do texto massorético, o texto em hebraico estabelecido nos séculos VIII-IX d.C. por sábios judeus que fixaram sua grafia e vocalização (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 13).

Ainda sobre a Bíblia de Jerusalém, ela é o resultado de um trabalho árduo organizado pelos dominicanos. Os dominicanos são historicamente conhecidos pelo excelente trabalho desenvolvido no campo da ciência teológica. Neste sentido, a

Bíblia de Jerusalém obedece a um padrão rigoroso que se impõe pela honestidade acadêmica e qualidade na tradução (MALZONI, 2016, p. 88).

Sobre a tradução da Bíblia de Jerusalém, ela nasceu gradativamente, a partir do fim da II Guerra Mundial, e foi publicada em fascículos, um para cada livro. Em 1956, esses fascículos foram reunidos e se organizou assim uma das mais fascinantes traduções da Bíblia, a *Bible de Jérusalem* (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 13).

Ainda sobre a fonte utilizada para esta pesquisa, sabe-se que a primeira versão dela foi uma tradução do hebraico para o francês. Essa obra posteriormente conheceu edições em outras línguas: alemão, espanhol, inglês e italiano. É importante ressaltar que a tradução ao português foi feita no Brasil com trabalhos iniciados em 1971 (MALZONI, 2016, p. 89).

Segue a tradução de Gn 2,4b-25:

^{4b}No dia em que Iahweh Deus fez a terra e o céu, ⁵não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva do campo tinha ainda crescido, porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. ⁶Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. ⁷Então Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.

⁸Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. ⁹Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. ¹⁰Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços. ¹¹O primeiro chama-se Fison; rodeia toda terra de Hévila, onde há ouro; ¹²é puro o ouro dessa terra na qual se encontra o bdélio e a pedra de ônix. ¹³O segundo rio chama-se Geon: rodeia toda terra de Cuch. ¹⁴O terceiro rio se chama Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates. ¹⁵Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar. ¹⁶E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. ¹⁷Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, pois no dia em que dela comerdes terás que morrer”.

¹⁸Iahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda.” ¹⁹Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. ²⁰O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o

homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. ²¹Então lahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. ²²Depois, da costela que tirara do homem, lahweh Deus modelou uma mulher e trouxe ao homem.

²³Então o homem exclamou:
“Esta, sim, é osso dos meus ossos
e carne de minha carne!
Ela será chamada ‘mulher’,
porque foi tirada do homem.

²⁴Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. ²⁴Ora, os dois estavam nus, o homem e a mulher, e não se envergonhavam (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2008, p. 35).

Mais uma vez convém ressaltar que a tradução acima citada não é a única existente em língua portuguesa. Existem outras versões da Bíblia em português que ficaram bastante conhecidas no mundo acadêmico e nos meios populares. A Bíblia do Peregrino e a Bíblia de Estudos com tradução de João Ferreira de Almeida podem ser boas opções de estudo.

1.3 DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE DO Gn 2,4b-25

Em se tratando de um trabalho exegético que propõe uma análise literária e quando o objeto de estudos é a Bíblia, é fundamental a escolha e a delimitação da perícope. De acordo com João Luiz Correia Júnior, o termo “perícope” é de origem grega e quer dizer “o que se corta ao redor”. Trata-se de uma unidade literária que, por sua vez, está inserida em um contexto literário imediato. Perícope é um trecho do texto com sentido completo (2017, p. 29).

É importante lembrar que, em sua gênese, os textos bíblicos do Antigo Testamento foram sendo construídos em escrita continua e sem as atuais subdivisões em capítulos e versículos. Delimitar significa, neste caso, precisar o objeto de estudo. É, basicamente, identificar o seu limite. É reconhecê-lo como uma unidade literária, com começo, desenvolvimento e fim. Seus limites para cima, para

baixo, onde começa e onde termina. Delimitar é enquadrar ou pôr uma moldura no texto (WEGNER, 1998, p. 84).

1.3.1 Delimitação interna da perícopes: moldura da perícopes

Delimitar uma perícopes bíblica nem sempre é uma tarefa simples. Um pesquisador da Bíblia, sem o auxílio das divisões e subdivisões existentes nas versões do texto que se tem acesso hoje, pensaria duas vezes antes de definir o início ou pôr um ponto final numa perícopes bíblica. Existe um contexto amplo e outro interno que devem ser considerados ao delimitar-se uma perícopes bíblica.

Para compreender o contexto amplo de uma perícopes, um dos possíveis caminhos é situar a perícopes dentro do seu bloco narrativo. O bloco narrativo é uma unidade maior que abrange outros textos conectados por um tema central. A narrativa da criação do homem e da mulher está situada no bloco narrativo da criação. Neste contexto amplo estão as intuições fundamentais das origens de Israel. Para Roberto Calasso, é preciso aprender a ler o plural do texto, pois todo texto carrega em si um contexto. Um mundo maior que seu próprio mundo (1991, p. 126).

O contexto pontual pode ser identificado pelos temas que são relevantes no contexto da própria perícopes. De acordo com Scott Hahn e Curtis Mitch, enquanto que o bloco narrativo, em que está situada a perícopes do Gn 2,4b-25 trata da criação de todas as coisas e da origem do universo, a perícopes de Gn 2,4b-25 centraliza a narrativa na criação do homem e da mulher (2015, p. 36). O contexto pontual da perícopes é o foco da perícopes. É o principal tema tratado.

Além do contexto amplo e do contexto interno, diversos elementos devem ser considerados na delimitação de uma perícopes. Quando se está analisando uma narrativa, o mais sutil dos detalhes pode fazer a diferença. Daniel Marguerat e Yvan Bouquin afirmam que, em se tratando de uma narrativa todos os elementos devem ser analisados com cautela e citam: os lugares, os personagens, a mudança de tempo e de cenário, dentre outros (2009, p. 34).

Dada a distância entre o texto bíblico e o estudioso moderno nem sempre todos os elementos da narrativa em análise serão elucidados. Não é pretensão do pesquisador preencher as lacunas deixadas pelo texto bíblico. Tal pretensão incorreria um erro e poderia condicionar respostas jamais sugeridas pelo texto. De acordo com José Tolentino Mendonça, a Bíblia é um livro sempre por ler e, neste sentido, uma literatura inesgotável (2015, p. 41).

Na mesma linha de José Tolentino Mendonça, é carregada de sensatez a afirmação de Meier Sternberg, acerca das narrativas bíblicas e, entenda-se aqui a narrativa em estudo do Gn 2,4b-25. Para ele, a narrativa bíblica é complexa, os textos não são códigos impressos apenas, mas carregam a vida pulsando de quem os escreveu e de quem se dispôs a lê-los e, neste sentido, é sempre uma literatura a se descobrir (1985, p. 41).

Em se tratando das narrativas bíblicas é cheia de lucidez a perspectiva de Paul Ricœur, ao afirmar que não se deve esperar que o estudo da narratividade preencha as lacunas da explicação e da compreensão. A análise narrativa possibilita uma aproximação do texto com o uso de ferramentas que permitem uma compreensão mais abrangente, mas não exaustiva (2007, p. 251).

O passo seguinte desta pesquisa é a delimitação interna e externa da perícopes. Para esta pesquisa, será utilizada a delimitação encontrada na Bíblia de Jerusalém. Neste sentido, a maneira de delimitar a narrativa da criação do homem e da mulher é abrindo-a em Gn 2,4b e fechando-a em Gn 2,25.

a) Abertura da narrativa: Gn 2,4b

A proposta é prosseguir por etapas. Tomar-se-á, primeiramente, uma consideração geral para, em seguida proceder a um afinamento da questão central, a limitação da perícopes. Uma das primeiras razões para se considerar a hipótese de que Gn 2,4b é o início de uma nova narrativa é seu contexto amplo, a ser definido a partir da crítica literária do século XIX.

O termo crítica literária, grosso modo, pode ser entendido de três maneiras, pelo menos. No sentido clássico é a abordagem crítica do estudo da literatura. Uma segunda compreensão é a crítica das

fontes. E, por fim, mas não menos importantes, são feitas perguntas relacionadas à natureza das fontes que tratam do relacionamento entre conteúdo e forma (BERGANT, 1999, p. 32).

Essa compreensão da crítica literária aplicada ao material bíblico foi responsável por fazer perceber a diferença de vocabulário e conseqüentemente das tradições que compuseram o Pentateuco como um todo. Outra consequência importante é que graças a este estudo se pôde, com mais segurança, estabelecer uma possível datação para os textos do Pentateuco. A narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 se viu alcançada pelos avanços da crítica literária.

Depois de observar os vários nomes de Deus no livro do Gênesis, foi possível perceber padrões literários distintos. No início da perícopes do Gn 2,4b, por exemplo, o emprego do composto “YHWH DEUS – YHWH *'ēlōhîm* é considerado um termo raro que não é encontrado fora do bloco narrativo da criação em que está situada a narrativa em análise (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 35). Há claramente uma mudança de estilo ou, no mínimo, um elemento estilístico que rompe o padrão estabelecido em Gn 1,1—2,4a.

O estilo da narrativa que começa em Gn 2,4b difere totalmente do estilo da narrativa de Gn 1,1—2,4a. O redator final do Gn 2,4b consegue sintetizar de maneira inovadora, se relacionado com a perícopes anterior, a impressão de um mundo fantástico, primigênio, com notável grandeza psicológica e poder de síntese acerca de um tema específico que é o da criação do ser humano (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2011, p. 18). Na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 há uma mudança de tema: passa-se do cosmo como um todo, para a criação do homem e da mulher.

Supõe-se que, se se tratasse de uma única narrativa saída das mãos de um único redator possivelmente não existiria variação linguística. Também é possível perceber uma mudança de perspectiva quanto à visão de mundo dos autores e redatores do Gênesis. No primeiro relato da criação, existe o caos (Gn 1,1—2,4a). A criação, de acordo com o primeiro relato, consiste na separação/organização. Deus

cria organizando. Na narrativa da criação do ser humano não é mencionado o caos e também não é mencionado o dia em que cada obra foi criada por YHWH Deus.

Gênesis 1,1—2,4a apresenta uma visão ampla e geral de todos os sete dias da criação, numa sequência cronológica do primeiro ao sétimo dia e trata da criação do homem e da mulher como um ato único do Deus criador de todas as coisas. Sobre Gn 2,4b-25 afirma, R. N. Champlin: “trata-se de uma história detalhada da criação do homem e da mulher, ao passo que a primeira narrativa é mais generalizada” (2001, p. 22).

A partir de Gn 2,4b o relato passa a ter outro foco. O relato parece concentrar seus esforços na atividade de Deus quando criou o homem e a mulher dando detalhes que não foram mencionados na perícope anterior. As origens separadas, do homem e da mulher, são trazidas a um nítido foco. Essa relevante conclusão, leva a pensar que as perícopes não estão organizadas a partir de uma sequência cronológica, mas que parecem ter sido inseridas uma depois da outra por redatores posteriores. Esta hipótese leva a pensar que se está falando de duas narrativas independentes e construídas em momentos distintos.

Ainda sobre os elementos que justificam o início da perícope em 2,4b, Carlos Mesters afirma que Gn 2,4b-25 aborda a criação do paraíso, do ser humano e a situação deste último no jardim. Exprime-se aqui a intenção do Criador sobre o mundo e sobre o homem. Na perícope anterior, eles estão inseridos num contexto geral da criação. O homem e a mulher são citados no sexto dia à semelhança da citação da criação da luz no primeiro dia; do firmamento no segundo dia, das plantas no terceiro dia e, assim sucessivamente (2012, p. 32).

Há ainda o fator tempo e espaço que são categorias importantes nos relatos narrativos. O tempo pode indicar o início, a continuação ou mesmo o fim de um evento narrado. O espaço, por sua vez, localiza e situa a narrativa num lugar geográfico. Essa mudança de cenário pode ser indício de uma nova narrativa. A esse respeito, a soma de outros critérios para a delimitação de uma narrativa pode auxiliar na conclusão da análise. Na narrativa em estudo, o jardim é o lugar em que se desenvolve a narrativa.

A ação dos personagens, no contexto da história contada, se desenvolve dentro de um enquadramento: em um tempo, em um lugar e em um espaço social. Estes enquadramentos não estão soltos. Eles se conectam entre si e ajudam a compor o enredo da narrativa. O enquadramento temporal, que inicia a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, informa sobre o momento em que se desenrolou a ação e sobre a duração desse processo. Situa o leitor no tempo e o transporta através da história (MARGUERAT; BOURQUIN 2009, p. 100).

Sobre o tempo, a perícopes se descortina com a expressão “No dia em que lahweh Deus fez a terra e o céu” (Gn 2,4b). Estabelece-se uma categoria de tempo, ainda que seja um tempo mítico. O narrador situa assim, o tempo em que a história narrada aconteceu. Esta segunda narrativa parece não estar em continuidade com o primeiro relato da criação do ser humano em Gn 1,26-31. São duas histórias independentes e com sentido completo (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 107).

A presença de personagens também é critério importante para a delimitação de uma perícopes. O deslocamento, as mudanças ou mesmo a inserção de novos personagens também podem ser indicativos de uma nova narrativa. Na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, três personagens se destacam e ajudam a compor o enredo: IHHW Deus, o homem e a mulher.

Sobre o enredo, Daniel Marguerat e Yvan Bourquin afirmam que é “a sistematização dos fatos que constituem a história contada. Esses fatos são ligados um ao outro por um liame de causalidade e inseridos num processo cronológico” (2009, p. 56). Nota-se, na narrativa da criação do homem e da mulher, que o enredo concatena progressiva e acertadamente cada evento contado na história. Da abertura da perícopes ao fechamento há uma progressão dos fatos relatados que dão sentido à história e formam o todo.

Finalmente, mas não menos importante, Gn 2,4a parece denotar a conclusão da perícopes anterior ao Gn 2,4b: “Essa é a história da terra e do céu quando foram criados”. Também aderem a esta hipótese a New English Bible, a Bíblia de Jerusalém, Good New Bible e o especialista em Antigo Testamento Martin J. Wiseman (ELLION; PAYNE2009, p. 122). , Quando se leva em consideração que

Gn 2,4a é a conclusão da perícopé anterior o mais razoável é pensar que Gn 2,4b é a abertura de um novo relato: “No tempo em que lahweh Deus fez a terra e o céu”.

Esta pesquisa não poderia prosseguir sem levar em consideração outras possibilidades de divisão da perícopé em análise. Uma primeira consideração importante está na tradição massorética. Na Bíblia Hebraica Stuttgartensia, há um pasuq (פ) após Gn 2,3 indicando uma divisão (FRANCISCO, 2003, p. 249).

A presença da palavra *tôl^edôt* (תולדות) em Gn 2,4a, segundo Jean-Louis Ska, é uma fórmula que abre uma nova narrativa. Dessa forma, Gn 2,4a não pode fechar Gn 1,1—2,4a, mas sim abrir Gn 2,4-25. Ao se referir as fórmulas *tôl^edôt*, afirma ainda:

Todas as fórmulas são introdutórias, inclusive em Gn 2,4, pois o vocábulo *tôl^edôt* vem sempre seguido pelo nome de quem gerou e nunca pelo nome de quem foi gerado. Portanto, a fórmula do Gn 2,4 não significa “história da origem do céu e da terra” (“como foram gerados ou criados o céu e a terra”), mas “história do que foi gerado do céu e da terra”. E o que o céu e a terra geram é o mundo descrito em Gn 2,4-25: da terra, ou seja, do solo, YHWH forma o primeiro ser humano (2,7), faz brotar as árvores (2,9), depois cria os animais (2,19) (2003, p. 35).

Ska afirma, inicialmente, a possibilidade da fórmula *tôl^edôt* concluir o prólogo de Gn 1,1—2,3 e não leva em consideração a flexibilização do termo. Por outro lado, na obra “O canteiro do Pentateuco” o próprio autor cita a narrativa da criação do homem e da mulher conforme a delimitação comumente aceita pela maioria das edições da Bíblia e que é assumida nesta pesquisa (2016, p. 39). Outra hipótese afirma que, por se tratar de autores diferentes, a fórmula *tôl^edôt* teria sido acrescentada por um editor final para garantir continuidade no bloco narrativo da criação (SKA, 2016, p. 45).

A tradução da Bíblia de Jerusalém traduziu Gn 2,4a por “Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados”. Quando se leva em consideração esta versão, a fórmula *tôl^edôt* parece concluir e não abrir uma nova narrativa.

Considerar outras possibilidades de divisões para a perícope do Gn 2,4b-25 é enriquecedor do ponto de vista acadêmico, pois abre a possibilidade para o diálogo entre as pesquisas e amplia o conhecimento da mesma.

b) Conclusão da narrativa

A passagem de Gn 2,25 a Gn 3,1 não acontece como a passagem de Gn 2,4 a Gn 2,4b. Embora se trate de perícopes diferentes, Gn 3,1 só pode ser compreendido por quem leu Gn 2,4-25, de modo que também se pode afirmar que Gn 2,4b—3,24 forma uma unidade de conjunto. O que se quer afirmar é que Gn 3,1 está em continuidade com o que precede.

Nesta pesquisa compreende-se que o fechamento da perícope que se inicia em Gn 2,4b se dá em Gn 2,25. Percebe-se que o versículo seguinte a Gn 2,25, mesmo fazendo parte do mesmo bloco narrativo, inicia um novo assunto inserindo um personagem que até então não havia aparecido no mesmo relato da criação do homem e da mulher: a serpente. Os versículos que seguirão tratarão de expor a situação em que viviam o homem e a mulher no jardim criado por Deus. Há notadamente uma mudança de tema.

Até aqui se apresentou que o relato em estudo não pretendeu outra narrativa exclusiva da criação do universo. Ao que tudo indica, a narrativa pretende elucidar de maneira detalhada a criação do ser humano. Neste sentido, o objetivo proposto pela narrativa foi alcançado. Em Gn 2,25 a obra de Deus é concluída e a narrativa tem seu fechamento. Os atores, os coadjuvantes e os figurantes do drama bíblico foram apresentados. O cenário foi devidamente delineado e a narrativa alcançou seu objetivo.

Algo está para acontecer no jardim do Éden. “Eles estavam nus e não se envergonhavam” é uma expressão que sugere um fato futuro, prolepse. Outro tema a ser abordado no capítulo seguinte. O capítulo terceiro do Gênesis tratará do tema da tentação e da queda do ser humano.

1.3.2 As subunidades da perícópe

A perícópe, unidade narrativa em estudo, inicialmente pode ser dividida em quatro blocos. Estes blocos são consequências de um estudo anterior, a segmentação, dispensada neste trabalho por considerar a apresentação do texto repetitiva. Estes blocos são as subunidades que compõem a narrativa segmentada. Subunidades, por sua vez, são as divisões da unidade narrativa. Cada subunidade pode ser identificada por um tema específico que, no conjunto, forma a unidade narrativa como um todo.

Existem outras possibilidades de subdivisão. A subdivisão que segue esta pesquisa leva em consideração os aspectos literários que estão sendo explicitados. O quadro abaixo ilustra o que até aqui foi dito. Observa-se que os temas mencionam um conjunto de versículos.

Versículos	Resumo	Temas
2,4b-9	Estes versículos apresentam a maneira como o homem foi criado. Referem-se ainda ao material utilizado para a modelagem do homem e a maneira como ele se tornou um ser vivente. Leva a pensar que as demais obras da criação estão em íntima sintonia umas com as outras e com o homem criado por Deus.	A criação do homem
2,10-14	A água é elemento essencial para a subsistência e manutenção da vida. Nestes versículos, são nomeados quatro rios que irrigam o jardim e algumas características das terras que os rodeiam e algumas coordenadas geográficas: o Fison, o Geon, o Trigre e o Eufrates.	Os quatros rios
2,15-17	O homem criado por YHWH Deus tem acesso a todas as árvores e pode comer do fruto de todas elas, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal ele não pode comer. O descumprimento deste interdito ocasionará a morte do homem que habita o jardim do Éden.	O interdito de Deus
	YHWM Deus constata que não é bom que o homem esteja só. É ele quem decide criar uma auxiliar que corresponda ao homem e lhe sirva de companhia. Do solo, YHWM Deus modela todas as feras selvagens e todas	

2,18-25	as aves do céu e, em seguida, apresenta tudo ao homem para que ele as nomeie. Todos os animais são nomeados, mas acontece uma segunda constatação: o homem não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Segundo o relato, YHWH Deus fez cair um sono profundo sobre o homem e do lado dele modelou a mulher. Esta, por sua vez, é reconhecida pelo homem como carne de sua carne e ossos de seus ossos. Os versículos apresentam ainda a situação do primeiro homem e da primeira mulher: estavam nus.	A criação da mulher
---------	--	---------------------

De acordo com José Tolentino Mendonça, do ponto de vista hermenêutico, ao se aproximar de um texto, o que se pretende é alcançar a experiência do autor (2015, p. 35). A subdivisão de uma unidade narrativa permite uma aproximação geral do texto, objeto de estudo. E, neste sentido, se aproximar do texto é se aproximar do autor.

Quando se pensa em autor, neste contexto, não se quer restringir a uma pessoa física concreta. Em se tratando de um texto bíblico, uma comunidade pode ser um autor, um redator pode ser um autor, uma escola de profetas pode ser um autor. O que se quer afirmar é que, a partir destas subunidades se pode, com maior clareza, perceber os rumos que o texto percorreu para alcançar o objetivo de comunicar o que pretende.

1.3.3 Estrutura interna da perícope

A estrutura interna da perícope é um grau mais avançado no campo da pesquisa. As subunidades oferecem uma visão geral. A estrutura interna de uma perícope oferece uma visão detalhada das subunidades e do todo.

De acordo com pesquisador C. Westermann, a estrutura do relato da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 é a seguinte (1984, p. 36):

Exposição: Gn 2,4b-6

Corpo do relato: vv. 7-8. 8-23

1ª cena: v. 7a-b: formação do homem; dois atos

v. 7c: homem = ser vivente;

2ª cena: v. 8a-b: dois atos: Deus planta o jardim

Deus coloca ali o homem

vv. 9-17: As características do jardim e o interdito

v. 18: resultado: o homem está sozinho;

3ª cena: vv. 19-20a: dois atos: criação dos animais

apresentação destes ao homem

v. 20: resultado: o homem não encontra companheira;

4ª cena: vv. 21-22: dois atos: sono profundo

criação da mulher

v. 23: resultado: o homem encontra companheira

conclusão: vv. 24-25

Até aqui foram apresentados elementos importantes que ajudam a compreender a perícopes como um todo. O exercício realizado até o momento e possibilita um conhecimento do texto em si. O passo seguinte pretende uma análise pertinente, no que se refere, ao objetivo desta pesquisa.

1.4 COMENTÁRIO DE PALAVRAS-CHAVE NA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

Até aqui se tratou dos aspectos literários da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Daqui em diante, algumas palavras do texto serão analisadas para que possa ser averiguada a razoabilidade da leitura bíblica pelo viés da aproximação literária. Este estudo leva em consideração a engenhosa arte de compor narrativas. Ler não significa decifrar palavras apenas, mas conferir um sentido ao conjunto de palavras no texto.

As palavras, tomadas isoladamente, podem ter diversos significados é o contexto imediato que dá sentido às palavras e concatenam as ideias. Por outro lado, conhecer os diversos sentidos das palavras pode significar um conhecimento mais amplo do texto a partir das opções feitas pelo editor final da narrativa. Os exemplos abaixo demonstram este aspecto.

a) No dia (בְּיוֹם, bĕyôm)

V.4b: A narrativa se descortina com a expressão “No dia em que” que pode significar “Quando”. “No dia em que” ou “quando” o Senhor Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos. Segundo Daniel Maguerat e Yvan Borquin, quando o narrador utiliza esta expressão “no dia em que” o que ele está fazendo é assinalando um período mensural com a ajuda de um calendário. Trata-se do tempo da história contada. Sua narrativa está sendo enquadrada nas categorias de espaço e tempo (2009, p. 107).

b) Senhor Deus (יְהוָה אֱלֹהִים, YHWH 'ēlōhîm)

Vv.4b-7: Nos vv. 4b-6, aparece o nome de Deus na forma composta *IHWH* Deus. Gn 1,1—2,4a refere-se ao autor da criação como Deus simplesmente, o qual é a tradução do nome hebraico 'ēlōhim. De acordo com Andrés Ibáñez Arana, o mais provável era que o autor javista usasse *lhwh*. Em Gn 2,4b-25, somente nesta perícopo, usa-se *IHWH* 'ēlōhim. O mais provável é que a expressão composta do nome de Deus tenha sido cunhada por um redator, talvez para evitar que o leitor pensasse que se tratava de outro Deus. O emprego do nome composto de Deus preserva a ideia de continuidade na composição do bloco narrativo, pois junta o 'ēlōhim de Gn 1,1-2,4a e do Gn 3 com a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 (2003, p. 57). Este nome que os judeus, em reverência, se recusam a pronunciar, refere-se a Deus como o único Auto-existente.

YHWH (יהוה): Tetragrama que expressa o nome de Deus: o autoexistente ou o eterno, nome de Deus. A palavra se refere ao nome próprio do Deus de Israel. Tradicionalmente, o nome divino não era pronunciado em respeito à santidade de Deus. Até à Renascença, ele era escrito sem as vogais no texto hebraico do Antigo Testamento, sendo transliterado como YHWH. Contudo, desde aquela época as

vogais de outra palavra, אָדֹנָי, 'ādōnay, tiveram inseridas entre as consoantes na expectativa de reconstruir a pronúncia da palavra (GOMES; PIVA, 2009, p. 1677).

c) Homem (אָדָם, 'ādām)

V. 5: A análise semântica oferece ao termo diversos sentidos. Trata-se de um substantivo masculino que significa um ser humano, um indivíduo ou toda espécie humana. O termo é, sem dúvidas, ambíguo e pode assumir diversos sentidos numa frase (GOMES; PIVA 2009, p. 1508). Durante muito tempo se interpretou, neste versículo, a palavra homem em contraste com a palavra mulher.

Nos últimos anos, o esforço de estudiosos da Bíblia tem sugerido outra possibilidade para a tradução do termo, ao menos até o v.22 da perícope em análise. Em Gn 2,7 o termo 'adam parece traduzir o gênero humano e não o homem do gênero masculino. O Senhor Deus cria a humanidade.

De acordo com Pauline A. Viviano, a primeira coisa formada pelo Senhor Deus é “o Humano”, o que não deve ser entendido como um indivíduo chamado Adão; antes “o Humano” é toda humanidade. Ainda segundo a autora, o uso do artigo definido “o”, diante de humanidade no texto hebraico deixa claro que o autor vê esta criatura original como representante da humanidade indiscriminada e não como indivíduo (1999, p. 59).

É a partir do v. 22 que o autor da narrativa da criação do homem e da mulher faz o contraste entre o homem e a mulher. De acordo com Pauline A. Viviano, a intenção dos últimos versículos da narrativa é justificar a relação conjugal e não a ordem cronológica da criação do homem e da mulher (1999, p. 60).

d) Terra (אֶרֶץ, 'eres)

V. 5: A palavra terra, do hebraico 'ereš, de uma raiz desusada provavelmente significando ser/estar firme; a terra no sentido abrangente ou partitivamente uma terra; pode significar também nação, terra, campo, solo, região. No v. 4b, a palavra possui um significado mais abrangente, substantivo que designa a terra.

e) Argila do solo (עָפָר מִן־הָאֲדָמָה, 'āpār min-hā'ādāmāh)

V. 7: A criatura humana é feita do solo. Pauline A. Viviano, chama a atenção que em hebraico, humano e solo são palavras de som semelhante (*'adam* e *'adamah*). Usando duas palavras de sons semelhantes, o autor consegue focalizar a atenção do leitor no relacionamento entre elas. A criatura humana vem do solo e por isso depende dele (1999, p. 59). No v.7 o corpo do homem foi criado do pó da terra, conforme a tradução da Bíblia de Estudo: Palavras-chave (GOMES; PIVA 2009, p. 1541).

f) Hálito (נְשִׁימָה, n^ešîmāh)

V. 7: Equivale a: um sopro, um vento, hálito irado ou vital. Trata-se de um substantivo feminino (GOMES; PIVA, 2009, p. 5389). Sabe-se que o hebraico não conhecia a palavra alma e durante muito tempo hálito de vida foi entendido como a criação da alma (1999, p. 59). A partir da narrativa, o que se pode afirmar é que o hálito é responsável para dar vida ao ser humano.

g) Jardim (גַּן, gan)

V. 8: A residência original do ser humano, de acordo com a narrativa do Gn 2,4b-25, não foi em uma casa comum, mas em um jardim. A narrativa não menciona ainda roupas, utensílios domésticos, etc. A ideia sugerida pelo relato é que Deus tenha providenciado todas as coisas que o ser humano necessitava. No jardim, havia comida para sua subsistência, prazer e beleza para os olhos.

O jardim do Éden não é um jardim de Deus ou dos deuses, como é comum nas narrativas das religiões naturais. O jardim é a moradia do ser humano. No hebraico, conforme a análise de Hansjorg Braumer, *gan* significa um pedaço de terra limitado. Houve, ao longo da história, quem tentasse localizá-lo geograficamente. Com precisão, porém, só é possível afirmar que Éden significa deleite, delícia (2016, p. 61).

h) Árvore da Vida (וְעֵץ הַחַיִּים °ēṣ haḥajyîm) e a árvore do conhecimento do bem e do mal (וְעֵץ הַדַּעַת טוֹב וְרָע: °ēṣ hada ° at ṭôb wārā°)

V.9: Árvore é um símbolo importante em Gn 2,4b-25. Em Gn 2,9, a árvore vem acompanhada de um substantivo feminino, vida. O significado da palavra hayîm, vida, abrange um ser vivo, um animal, uma fera. O sentido básico é de seres vivos (GOMES; PIVA, 2009, p. 2404). A árvore carrega vida e vida supõe dinamicidade, algo que está em constante transformação.

Descobertas arqueológicas e textos do Antigo Oriente Próximo evidenciam a importância da árvore como símbolo do crescimento, amadurecimento e confirmação da vida (FARIA, 2015, p. 68). Em Gn 2,8-9 são mencionadas duas árvores:

Há duas árvores colocadas além do uso do ser humano - a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. A árvore da vida aparece novamente no final da história (3,22) como uma tentação remanescente, perigo este que Deus não permite ao casal. Comer dela poderia habilitar o casal a "viver eternamente" i.e., tornando-se deuses. A história, entretanto, tem mais a ver com a árvore do conhecimento do bem e do mal. Bem e mal é um merisma, figura literária pela qual a totalidade é expressa pelo início e fim de uma série, ou pela oposição; cf. Sl 139,2, "Conheces meu sentar e meu levantar", ou seja, todo meu movimento físico. "Conhecer" em hebraico é experiencial e relacional, e não apenas intelectual. Comer o fruto da árvore, desse modo, outorga um poder sobre a vida e uma autonomia que são inapropriados para a criatura terrestre, criada do pó da terra. O homem deixaria de ser finito e humano (FARIA, 2015, p. 68).

A primeira árvore é símbolo da vida imortal. A segunda árvore é símbolo do conhecimento do bem e do mal. A árvore da vida dá seu fruto e o ser humano pode comer dele sem morrer, mas a árvore do conhecimento do bem e do mal traz consigo a morte. Na mitologia babilônica, a fonte da vida está na divindade, nos deuses, que não admitem e não aceitam repassar esse segredo para a humanidade. O diferencial do relato do Gênesis está na proximidade de Deus do ser humano. Ele passeia pelo jardim e demonstra que a vida humana está no paraíso que ele criou, na proximidade de Deus (FARIA, 2015, p. 68).

i) Rio (נְהָר, nāhār)

Vv. 10-14. A fertilidade do jardim decorre de um rio que o irriga. De acordo com Hansjorg Braumer, ao sair do jardim, o rio se transforma em quatro começos. O número quatro é simbólico. Ele expressa que os rios alimentados pela corrente do paraíso irrigam todo o mundo fora do paraíso. A imagem dos quatro rios pretende registrar que as vias vitais de todas as terras do mundo têm sua origem na corrente de água que alimenta o jardim do Éden (2016, p. 61).

j) Para cultivar e guardar (לְעַבְדָּהּ וּלְשַׁמְרָהּ:), 1^o ° ābdāh ûl^e šāmrah)

Vv. 15-17: O homem é criado por IHHW Deus e deve viver no jardim. Ainda segundo estes versículos, Deus lhe dá uma ordem dupla: o homem deve cultivar e vigiar o jardim. Mas, também precisa vigiar a si mesmo, e não pode desobedecer a Deus comendo o fruto da árvore do interdito (BRAUMER, 2016, p. 61). O ser humano tinha uma ocupação para passar o tempo e trazer satisfação: deveria cultivar e guardar o jardim.

l) Homem (אִישׁ, îš) e mulher (אִשָּׁה, 'iššāh)

Vv. 18-21. Em Gn 2,4b-25 há um jogo com os substantivos hebraico: 'adām, tirado da terra que é ser humano; 'îš, o homem entendido como macho; 'iššāh, a mulher a fêmea. O uso diversificado de termos tem por objetivo colocar o leitor no patamar da narrativa. O homem e mulher juntos representam o ser humano de forma geral. Separados, eles se juntam como macho e fêmea para gerar a vida e cuidar dela.

m) Lado (עֵלָּה, šēlā^e)

V.22: Por se tratar de uma parte do corpo que fica do lado, ela representa o fato de que a mulher nasceu pra ser companheira do homem e não sua escrava. Deus fez o homem dormir profundamente, extraiu dele um lado, colocou carne no lugar para que o homem continuasse perfeito e fez do lado a mulher que será reconhecida como “osso dos meus ossos e carne de minha carne” (IBÁÑEZ ARANA, 2003, p. 65).

n) Nudez (עָרוּמִים, 'āûm)

V. 25: É um adjetivo que significa nu. Em Gn 2,25, faz alusão à nudez física do homem e da mulher. Esta palavra também pode ser utilizada para indicar a ausência de posses (GOMES; PIVA, 2009, p. 1854). A nudez do ser humano no contato com Deus não deve ser entendida na perspectiva moral de vergonha, no sentido de culpa por um pecado cometido, tampouco na linha da sexualidade. De acordo com Hansjorg Braumer:

A vergonha não existia na comunhão entre as pessoas no jardim do Éden, pois a vergonha é uma reação à exposição e ao ser desmascarado. As duas pessoas no jardim do Éden, que viviam em obediência total diante de Deus, não sabiam nada a respeito da dúvida e da ruptura. Viam-se mutuamente como dádiva de Deus, tinham sido criados um para o outro e existiam um para o outro. A vergonha é ocultar a mim mesmo diante do outro por causa do mal que há em mim e nele... Na união da obediência, o ser humano fica nu diante do outro, completamente exposto, revelado em corpo e alma, e não se envergonha disso (2016, p. 68).

Muitas palavras e expressões poderiam ser destacadas ainda. Sem pretender esgotar o tema, estas poucas linhas pretenderam ilustrar os aspectos semânticos da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.

SÍNTESE DO PRIMEIRO CAPÍTULO

A aproximação bíblica sob o viés literário não só é possível como foi amplamente demonstrada na análise de Gn 2,4b-25. Com este estudo, se permitiu comprovar que, ao se aproximar dos textos bíblicos, com ferramentas de análise de textos narrativos, pôde-se ampliar o entendimento do próprio texto e perceber a intuição fundamental da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 que surge como obra literária.

O passo seguinte desta pesquisa é a análise do contexto vital que deu origem à narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Obras literárias além,

de obedecerem a engenhosas regras de composição, expressam uma realidade concreta que lhes serve de suporte para que a história aconteça.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E LITERÁRIO DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

No capítulo anterior, foram dadas as razões para compreender os aspectos literários presentes na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Continuar esta pesquisa sem considerar os aspectos literários presentes na perícopes em estudo seria desonestidade acadêmica e comprometeria aspectos importantes que serão apresentados nas linhas seguintes.

A partir de agora, é importante considerar que a perícopes da criação do homem e da mulher, em Gn 2,4b-25, reflete a história de um grupo humano real, a relação deste grupo com seu Deus e a maneira como faziam a leitura dos fatos que impactavam seu dia a dia. Neste sentido, as próximas páginas apresentarão aspectos importantes de duas histórias: a história da vida e a história literária, contidas nas entrelinhas de Gn 2,4b-25.

2.1 A HIPÓTESE DA AUTORIA E DATAÇÃO DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

As relevantes descobertas arqueológicas dos últimos séculos foram responsáveis pela notória mudança de paradigmas no campo do estudo bíblico. Da visão estritamente religiosa passou-se ao complexo campo das ciências modernas. A Bíblia se impôs como objeto de pesquisa comprovando a genialidade de seus autores e evidenciando a densidade de seu conteúdo.

A partir do novo paradigma bíblico, aspectos obscuros começaram a ser esclarecidos ou, ao menos, hipoteticamente pensados, tais como a possibilidade de se conhecer a autoria do Pentateuco e a datação de textos clássicos tradicionalmente estabelecidos. A narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 é um destes textos revisitados pela pesquisa bíblica e que tem despertado o interesse em diversas áreas da teologia.

2.1.1 De Moisés à autoria múltipla

Acerca da autoria e da datação do livro do Gênesis muito se escreveu ao longo dos séculos. Nos últimos anos, a investigação bíblica alcançou relevantes descobertas no que se refere à formação dos textos do Pentateuco, bloco em que se encontra a perícopes em estudo. Rainer Kessler, Robert Alter, Lee Martin McDonald, Ralph W. Klein e Jean-Louis Ska são alguns dos nomes mais conhecidos no campo da exegese bíblica que têm contribuído significativamente para uma nova abordagem dos textos judaico-cristãos.

Da concepção ingênua da autoria do Pentateuco atribuída a Moisés passaram-se às complexas hipóteses de redação e edição dos textos bíblicos, com participação de vários autores e editores. Daniel Martins Soletto afirma, acerca dos primeiros capítulos do livro do Gênesis: “estas origens, na realidade, são várias origens, ou várias tradições de vários escritores, que receberam de uma ou outra tradição oral os relatos para escreverem suas narrativas de origens” (2014, p. 74).

Ilustra bem esta nova perspectiva a análise de José Luis Sicre:

A tradição judaica, o Novo Testamento e a Igreja, durante muitos séculos, atribuíram o Pentateuco a Moisés. É, difícil, porém, imaginá-lo às voltas com papiros e tintas em pleno deserto para deixar escritos relatos tão extensos (2015, p. 78).

De acordo com Antonio Fanuli, o Pentateuco teria sido composto com base em documentos preexistentes e de diferentes épocas (1993, p. 11). Para o autor, esta teoria, embora válida, ainda não é suficiente para esclarecer todos os aspectos do texto bíblico. Existem aspectos dentro do *corpus* literário bíblico ainda não totalmente explicados. E prossegue afirmando, a respeito da linha de pesquisa que investiga a autoria e a datação a partir de temas específicos:

Ela não parte mais das grandes unidades literárias (o livro inteiro, os documentos maiores, os documentos menores), mas das pequenas unidades que é possível descobrir na atual obra. Estas devem ter-se constituído em torno de um tema (evento ou personagem) preciso e com fisionomia literária própria, por obra e no contexto crescente da tradição oral (1993, p. 12).

Por outro lado, o que hoje é visto com maior clareza não o era em tempos remotos da pesquisa bíblica. A atribuição da autoria do Pentateuco a Moisés se deu a partir da leitura dos textos bíblicos. Uma leitura prévia e, em parte, fundamentalista de textos bíblicos é suficiente para elencar razões para tal conclusão. A partir de afirmações avulsas, dentro do *corpus* bíblico, os antigos chegaram à convicção da autoria de Moisés (Ex 17,14; 24,5-7; Dt 11,26-32; Js 1,8; 8,30-35).

A aplicação dos métodos das ciências modernas no estudo da Bíblia levou, no entanto, à verificação de elementos até então desconhecidos dentro do *corpus* literário da Bíblia que ocasionou o abandono da primeira hipótese. Sem o auxílio da arqueologia e da história, por exemplo, a ciência bíblica não seria tão precisa quanto tem sido nos últimos séculos.

Neste sentido, com o recurso de outras ciências foi possível repensar os escritos bíblicos e revisá-los a partir de outros aspectos. Com os avanços realizados, ao menos no ambiente acadêmico, já não se aceita a teoria de uma data fixa ou um autor único para o livro do Gênesis e menos ainda para todo o Pentateuco.

2.1.2 Gn 2,4b-25: uma aproximação histórica

Até aqui ficou manifesta a mudança substancial que levou o estudo bíblico à contramão de hipóteses da teologia bíblica tradicional. Dito isto, passar-se-á às recentes conclusões de pesquisadores da Bíblia, acerca da datação mais provável da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, no conjunto da pesquisa recente sobre o Pentateuco e o livro do Gênesis. Diversos autores se posicionam a respeito deste tema: Walter Brueggemann, Claus Westermann, H. Schmid, para citar alguns.

Existem evidências, cada vez mais razoáveis, de que o texto em estudo é do período pós-exílico e não pré-exílico como se pensou por décadas. A nova pesquisa, inaugurada no início do século XVIII, percebeu relações estreitas entre o período histórico que data de aproximadamente 650 a.C e as entrelinhas da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.

Na mesma linha dos autores acima citados, Jacir de Freitas Faria supõe existir plausibilidade na hipótese que reporta a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 ao período do pós-exílio na Babilônia. Na percepção do autor, escondido por trás das palavras, existe um contexto que remonta a um período histórico do povo da Bíblia. O texto bíblico, quando analisado cuidadosamente, permite a percepção de um momento quase que exato da história de Israel (2015, p. 36).

Jean-Louis Ska é um dos nomes mais conhecidos no mundo da pesquisa bíblica atual. Na fascinante obra de cunho exegético “O canteiro do Pentateuco”, o biblista e exegeta traz uma síntese relevante das pesquisas atuais sobre a datação do Pentateuco e da narrativa da criação, objeto de estudo desta pesquisa.

Jean-Louis Ska explica que, por longo tempo, os primeiros capítulos do livro do Gênesis foram incluídos nos relatos javistas. Esta hipótese garantia datar as narrativas da criação no período anterior ao exílio na Babilônia. Para Ska, os relatos sobre a criação e as origens da humanidade são todos pós-exílicos (2016, p. 51). Segundo dados de sua pesquisa:

Desde o tempo de A. Dubarle e de L. Alonso Schökel os estudiosos notaram a presença de motivos sapiências em Gn 2—3. Isso não impediu de manter por longo tempo a redação do texto no início da monarquia. Os paralelos mais claros e mais numerosos, porém, se encontram no livro de Jó ou no Eclesiastes. Isto convida muito a diminuir a data de composição do texto. Certamente, pode-se sempre pensar que os motivos de época tardia sejam retomados nos relatos de Gn 2—3. O acúmulo de paralelos tardios e, inversamente, a ausência de paralelos antigos obrigam, penso, a reexaminar seriamente a questão de uma data antiga (2015, p. 52).

De acordo com Ska, durante muitos séculos se pensou que a escola javista, à qual tradicionalmente se atribui o segundo relato da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, havia exercido sua atividade literária somente durante os séculos X-IX a.C. Contudo, pesquisas recentes têm revelado que os membros da escola javista continuaram a sua atividade literária até a época do exílio, por volta de 587 a.C. (2016, p. 26).

Conforme o autor acima citado:

Temos, em conclusão, uma série de argumentos bastante sólidos para poder afirmar com suficiente grau de certeza que Gn 2—3 como tal foi redigido em época tardia, quer dizer, em época pós-exílica e, provavelmente, pelo final da época persa, porque o texto é conhecido apenas em época helenista (SKA, 2016, p.55).

De acordo com a pesquisa, Van Seters, C. Lenin, Scott Hahn e Cutis Mitch também acreditam existir evidências que sugerem que os supostos autores e editores de Gn 2,4b-25 não teriam feito seu trabalho antes do exílio na Babilônia. Com estes dados e a partir das hipóteses apresentadas virão às próximas laudas desta pesquisa. Em se tratando de datas históricas é possível variações entre autores. Esta pesquisa seguirá com a datação que foi apresentada.

2.2 A GEOGRAFIA DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

Em se tratando da literatura bíblica nenhum texto caiu pronto do céu. Na verdade, todo texto tem um chão e um contexto que lhe dá vida. Durante séculos, as narrativas bíblicas foram arrancadas do seu chão e do contexto. Com a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 não foi diferente. Redescobrir a história por trás do texto bíblico é fundamental para ampliar a compreensão sobre o mesmo.

2.2.1 *Pisando nas terras bíblicas*

O palco da história do povo da Bíblia é a parte meridional do corredor siro-palestinense. Essa região está situada entre os territórios das antigas civilizações e potências que habitaram o Oriente Próximo junto ao Nilo, na Mesopotâmia e na Ásia Menor (DONNER, 1997, p. 33).

Ainda sobre a geografia, F. F. Bruce, afirma que suspenso entre a Europa, a Ásia e a África, e entre os mares Mediterrâneo, Vermelho e o Golfo Pérsico, o Oriente Médio é uma das áreas mais estratégicas do mundo. Não é possível afirmar

com precisão que o ser humano tenha surgido na terra nesta região, conforme a leitura fundamentalista sugere dos primeiros capítulos do Gênesis, mas seguramente é possível afirmar que esta é uma região berço das primeiras civilizações que se tem conhecimento (2012, p. 57).

A documentação que remonta a este período da história antiga tem levado a pensar que, em virtude de sua situação geográfica, esse pedacinho de terra, às margens dos grandes rios da Antiguidade, em que estavam assentadas as primeiras civilizações foi, ao longo dos milênios, um cadinho de influências políticas e culturais. Dada a importância da agricultura como fator principal da economia dos povos antigos, não era de se estranhar tanto interesse por essas terras.

De clima majoritariamente árido e vegetação rasteira, a região foi cenário de intensos conflitos entre diversos povos, dentre eles os sumérios, acádios, caldeus, assírios e babilônicos (DONNER, 1997, p. 33). Conhecer a geografia do Oriente Próximo é lançar luzes na compreensão dos textos bíblicos e, para esta pesquisa de singular relevância.

2.2.2 Pisando nas terras da narrativa

Segundo Russell Norman Champlin, ao longo da história, houve várias tentativas de localização geográfica do Jardim do Éden, cenário em que foram criados o homem e a mulher, conforme a narrativa de Gn 2,4b-25. A Idade Média gravou em suas páginas os mais variados aventureiros que partiram a procura do Éden da Bíblia (2001, p. 24).

Não é objeto desta pesquisa, localizar o cenário utilizado pelo autor ou redator de Gn 2,4b-25. Tampouco é objeto de preocupação precisar com exatidão em que continente ou em que cidade se localizaria nos dias atuais. Para este trabalho, é suficiente a análise de algumas informações que remetam à geografia conhecida da época em que a narrativa foi escrita.

Quando se observa as entrelinhas das narrativas bíblicas, alguns elementos podem ser hipoteticamente pensados com maior ou menor clareza. Com a períclope

da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, aparecem diversos elementos que permitem ao pesquisador certas deduções e estabelecer impressões.

A narrativa da criação do homem e da mulher do livro do Gênesis situa a criação de Deus nos territórios do Oriente Próximo. Os elementos que aparecem no texto, no que se refere à geografia, levam a crer que possivelmente Israel escreveu sua história das origens a partir do chão concreto em que viveu.

Na Antiguidade, as grandes civilizações se desenvolveram às margens do rio Nilo, Tigre e Eufrates. A água é elemento essencial para a sobrevivência da espécie humana. Os rios Tigre e o Eufrates são muito conhecidos e têm suas fontes nos montes da Armênia, mas o Fison e o Geon, segundo os estudiosos são desconhecidos. De acordo com a narrativa, Hévila é uma região da Arábia e Cuch na Etiópia (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 36, 2002).

Destas poucas linhas, é importante ressaltar que as grandes civilizações da Antiguidade se desenvolveram em pontos estratégicos do Oriente Próximo. A localização geográfica destas civilizações da Antiguidade influenciou decisivamente não só no aspecto econômico, mas também no aspecto religioso do povo da Bíblia.

Nas cosmogonias mais conhecidas da Antiguidade como a egípcia, a babilônica e a do povo da Bíblia, a geografia influenciará de maneira determinante a compreensão da relação com a divindade. Ignorar a geografia em que foram montados os cenários das narrativas bíblicas pode significar um risco na compreensão do conjunto da obra. É salutar entender que a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 tem, literalmente, um chão no qual as peças do quebra-cabeça são montadas.

2.3 A SITUAÇÃO DE JUDÁ NO EXÍLIO NA BABILÔNIA (587 – 539 a.C.)

O exílio da Babilônia é o nome habitualmente usado para designar a deportação e o exílio dos judeus do antigo Reino de Judá para a Babilônia, por Nabucodonosor II, por volta do ano 587 a.C. É comum encontrar variação quanto à

datação exata em que aconteceu o exílio. Em se tratando de história antiga, o tempo transcorrido impossibilita uma datação exata dos acontecimentos.

A origem da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 está situada, historicamente, dentro deste contexto. Compreender o exílio, portanto, é lançar luzes sobre a perícopé, mas também, significa descer aos porões da dramática história que gestou a narrativa em estudo.

2.3.1 O Império babilônico e a dominação de Judá

O império babilônico não se ergueu subitamente. Uma série de fatores foram fundantes para que a Babilônia ascendesse como uma grande potência na Antiguidade Clássica e se tornasse um dos impérios mais conhecidos da história. Seu histórico de violência e sua política imperialista marcaram a história do povo da Bíblia.

No período em que aconteceram as grandes deportações de Israel, a Babilônia era a maior potência econômica e militar da Antiguidade. Ela detinha o poder político, econômico, cultural e religioso. A cidade imperial dos grandes Hamurabi e Nabucodonosor era também a capital intelectual da Mesopotâmia (DONNER, 2004, p. 35). Deter o controle político, econômico, religioso e cultural significava o controle das pequenas populações.

Para os reis babilônicos, dominar e subjugar as nações menores significava eliminar as chances de alianças entre povos vizinhos, coibir possíveis levantes, demonstrar o poder bélico e manter a estabilidade do poder dominador. Israel conheceu de uma maneira cruel o peso do poder babilônico.

De acordo com Johan Konings, primeiro Nabopolassar derrotou Nínive em 612 a.C. Seu sucessor, Nabucodonosor, governou com violência de 605 a 562 a.C. Ele construiu os famosos jardins suspensos e exilou para Babilônia a elite de Jerusalém em 587 a.C. aproximadamente (2011, p. 37).

Em uma série de escritos, durante mais de meio século, Charles Cutler Torrey de certa forma pretendeu minimizar o impacto aterrorizante do que significou o exílio da Babilônia para o povo de Israel. Numa obra de 1956, E. Janessen afirma que a

catástrofe do exílio foi deveras aterradora ao ponto de causar uma ruptura no estilo de vida judaica em Judá (BRIGHT, 2003, p. 412).

Durante alguns séculos, se pensou que a deportação dos israelitas fora total. Por décadas hipoteticamente se afirmou que a terra dos deportados ficara completamente abandonada. Atualmente, a hipótese mais aceitável é que a população empobrecida permaneceu na terra (SELLIN; FOHER, 1977, p. 132).

A princípio, não era objetivo dos dominadores escravizar toda a população dominada, mas desarticular suas lideranças e evitar rebeliões e insurreições. Sobre este aspecto, o pesquisador Ildo Bohn Gass afirmou:

As deportações promovidas pelos babilônios não representaram apenas muita dor para quem foi levado como refém. Geraram também muito sofrimento para quem ficou na terra. [...] A intenção fundamental dessa estratégia de dominação era eliminar qualquer tentativa de resistência, suprimindo a identidade nacional do povo. Daí a razão de levarem para o cativeiro especialmente aqueles que tinham maior influência sobre o povo e que resistiam mais à opressão estrangeira. Geralmente, levavam como refém o rei e sua família, os nobres, os proprietários de terra, os artesãos especializados, os chefes militares e os sacerdotes (2017, p. 12).

O objetivo do exílio não era o de exterminar as populações vencidas ou deportá-las completamente para territórios estrangeiros. A pretensão dos dominadores era desarticular as lideranças políticas e religiosas evitando motins e rebeliões mantendo o controle sobre elas.

2.3.2 A ruptura da vida em Judá

O período do exílio, se comparado com toda história de Israel, durou poucos anos. Considerando seu início por volta do ano 587 a.C. e o final por ocasião da vitória do rei Ciro sobre os babilônios em 539 a.C., a duração foi de 47 anos. Contudo, o exílio marcou profundamente a vida do povo, tanto dos remanescentes em Judá quanto dos expatriados (GASS, 2017, p. 14).

De acordo com John Bright, o exército violento do rei Nabucodonosor deixou Jerusalém em ruínas e com possibilidade pouco provável de reconstrução. As

evidências arqueológicas desse período atestam que todas as cidades fortificadas, no interior de Judá, foram reduzidas a ruínas. Citando Kathleen M. Kenyon, Bright afirma:

Somente no Negueb, aparentemente separado de Judá em 597 a.C., e na área próxima da fronteira norte, que pode ter sido parte da província babilônica de Samaria, algumas cidades escaparam da destruição. A população do território foi evacuada. Além dos que foram deportados para a Babilônia, milhares devem ter morrido nos campos de batalha, de fome ou de doença. Alguns foram executados e outros tentaram salvar suas vidas fugindo (2003, p. 412).

Ralph W. Klein acerca do exílio completa: “o exílio significou morte, deportação, destruição e devastação” (2012, p. 16). Nunca se saberá ao certo quantas pessoas morreram. Sabe-se apenas que o cerco à cidade de Jerusalém fez muitas vítimas da fome e das batalhas. As fontes dão conta de que foi grande a devastação.

Alguns fugiram e poucos conseguiram sobreviver refugiados em cavernas. O número exato de deportados também é um mistério. Com precisão se sabe que a deportação exerceu um impacto significativo do ponto de vista socioeconômico e psicológico, cultural e finalmente religioso.

2.3.3 Os exilados na Babilônia e a luta dos refugiados em busca de segurança

Até aqui, tem-se evidências de que os judeus deportados representam a nata da classe política, eclesiástica e intelectual. Naturalmente, o número deles não era grande, mas o suficiente para desestabilizar a estrutura de poder e governança estabelecida em Judá (RAINER, 2009, p. 162).

Com o que foi apresentado até o momento, seria desonesto minimizar as dificuldades e a humilhação enfrentada pelos exilados. Contudo, os babilônios, se comparados com a crueldade com que os assírios tratavam seus exilados, trataram os israelitas de maneira mais branda. Werner H. Schmidt afirma:

Ao contrário do costume assírio, os babilônios não instalaram uma elite estrangeira na Palestina, de modo que no Reino do Sul também não penetraram cultos religiosos alienígenas, ao contrário do que

ocorrera no Reino do Norte apenas um século e meio antes (2Rs 17.24ss). Além do mais, os babilônios permitiram que a população deportada vivesse junto (cf. Ez 3.15). Os exilados podiam construir casas, cultivar jardins (Jr 29.5s) e, ao que parece, eram representados pelos “anciãos” (Ez 20.1e outras). Apesar das várias deportações, a maioria da população provavelmente permaneceu na Palestina (cf. 2Rs 25.12) Em todo caso, Israel (isto é, os judaítas) ou, como também podemos afirmar depois dessa ruptura, o judaísmo existia em dois meios: na Palestina e na golah (no exílio), ou seja, na diáspora (1994, p. 31).

É de acordo com esta hipótese o pesquisador John Bright. Conforme suas pesquisas, os exilados foram transportados para o sul da Mesopotâmia, não longe da própria Babilônia, não ficaram dispersos entre a população local, mas provavelmente em colônias especiais, numa espécie de confinamento (2003, p. 414).

Outro fator importante que merece destaque neste bloco é a fuga voluntária de refugiados em busca de segurança em outras terras. Um considerável número de judeus se refugiou no Egito. De acordo com a fonte bíblica (Jr 42ss), depois da morte de Godolias, uma leva de pessoas fugiu para o Egito levando consigo o profeta Jeremias. Segundo Bright:

É provável, de fato, que muitos judeus se tenham refugiado no Egito, ou lá se estabelecido como mercenários ou qualquer outra coisa, durante os tormentos últimos dos dias de Judá. Podemos supor que, à medida que a nação entrava em colapso, a onda de refugiados aumentava. O grupo de Jeremias estabeleceu-se em Téfnis (Jr 43,7), exatamente do outro lado da fronteira, enquanto outros grupos podiam ser encontrados em outras cidades do Baixo Egito (2003, p. 415).

Ainda conforme o autor, embora não se saiba detalhes, é possível presumir que os judeus também procuraram refúgio em outras terras além do Egito. O livro do profeta Jeremias (40,11) fala que muitos fugiram dos babilônios para Moab, Edom e Amon (BRIGHT, 2003, p. 416).

2.3.4 Sofrimento e aprendizado: a gênese de uma literatura de resistência

O exílio da Babilônia foi uma realidade muito dura para o povo da Bíblia. Por outro lado, a dor e o sofrimento enfrentados levaram Israel a revisitar as origens de sua história. Em tempos de crise, Israel fez ressurgir das ruínas de Jerusalém e das sombras do exílio a chama da resistência que nasceu em forma de poesia, prosa, narrativa e histórias que contavam, recontavam e reafirmavam a identidade de um povo com seu Deus. Para Daniel Martins Sotelo:

O exílio serviu de depuração de muitas ideias do saudosismo judaico, assim como serviu também para a inserção de determinados conceitos existentes no Antigo Testamento: a história da criação, a torre de Babel, o dilúvio, Noé, as releituras de profetas, como: Amós e final de Jeremias (2014, p. 29).

Para Ildo Bohn Gass, a situação de sofrimento no período do exílio foi um momento de crise que levou a uma reflexão profunda da história passada do povo. O exílio impôs a necessidade de revisitar temas teológicos fundamentais sobre a vida e sobre a fé. Ainda segundo B. Gass, a avaliação da caminhada foi como que um exame de consciência nacional que Israel precisava fazer (2017, p. 18).

Segundo Werner H. Schmidt, as múltiplas perdas externas e internas que Israel sofreu trouxe paralelamente inúmeros ganhos. Em termos de literatura, o exílio se configurou uma época extremamente fecunda. Deste período fazem parte o Livro das Lamentações, os Salmos 44, 74, 79, 89, 131, o segundo Isaías, o livro do profeta Jeremias, e, por fim, o objeto desta pesquisa: a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 (1994, p. 331).

2.4 O CONTEXTO LITERÁRIO DA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

Dada a importância da Bíblia para a construção do edifício cultural do Ocidente, durante séculos, seus textos estiveram presentes na gênese da literatura universal. Não é difícil de compreender a relevância da presença dos textos bíblicos

na formação cultural do Ocidente (SELLIER, 2011, p. 35). O passo seguinte desta pesquisa avança na direção do contexto literário que serviu de referência para a construção da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25.

2.4.1 A importância dos achados arqueológicos e a descoberta da documentação literária do Oriente Próximo

Possivelmente, o Edito de Tessalônica em 380 d.C. é um dos primeiros passos importantes na expansão do cristianismo e, conseqüentemente, do seu livro. Favoreceu ainda, a inserção dos textos bíblicos, na gênese da cultura ocidental, a força e o poder de dominação exercido pelo cristianismo oficial. Desde os primeiros séculos da era cristã, ela esteve presente inspirando poetas, escritores, pintores e os mais diversos artistas.

Dada à importância do legado da documentação bíblica, a visão unilateral do cristianismo oficial legitimou por séculos a ideia de que os textos judaico-cristãos eram as únicas fontes literárias dos orientais. Pesquisas mais recente têm mostrado que a Bíblia não é o único documento da Antiguidade como também se utilizou de documentos ainda mais antigos para sua composição.

A Bíblia é um patrimônio cultural universal que carrega a influência do ambiente cultural em que foi produzida e que por isso reflete a cultura própria de seu ambiente. De acordo com Jacques Briend:

Antes de o povo de Israel ter à luz da fé sua própria visão das origens, outras culturas, no quadro literário do mito ou lenda, tinham procurado trazer uma resposta aos grandes questionamentos do homem que vive em sociedade: Quem somos nós? Qual a nossa relação com os deuses? Como compreender a realidade do trabalho, do casal humano, do ato de gerar, do culto? Qual a ordem deste mundo? Quem preside as forças presentes neste mundo e a quem elas obedecem? Como compreender os flagelos que se abatem sobre a humanidade (seca, fome, epidemias, dilúvio)? (1988, p. 5).

Uma das maiores redescobertas das ciências modernas, atreladas às ciências bíblicas, foi a redescoberta de que os diferentes povos da Antiguidade: assírios e babilônios, chineses e indianos, egípcios, persas e hebreus, todos tiveram

visões próprias da natureza e maneira diversa de explicar os fenômenos e processos naturais e motivados por suas visões de mundo construíram seu próprio *corpus* literário (BRIEND, 1988, p. 5).

Os achados arqueológicos das últimas décadas têm evidenciado paralelos relevantes entre os textos bíblicos do Antigo Testamento e os textos dos povos vizinhos de Israel. A arqueologia bíblica tem sido responsável por disponibilizar, aos peritos em Bíblia, material suficiente para a leitura de textos que estão na gênese do texto bíblico. De acordo com Norman K. Gottwald, começando muito antes dos primeiros livros bíblicos, os povos do Antigo Oriente desenvolveram extensas literaturas (GOTTWALD, 1998, p. 88).

Ainda segundo o autor, se tem atualmente conhecimento de extensas literaturas do antigo Egito, da Mesopotâmia, do Irão e da Anatólia que foram escritas nas línguas dos círculos letrados das áreas onde foram compostas. Para ele, existem massas consideradas de textos nas línguas egípcia, suméria, acadiana, antiga babilônica, assíria, neobabilônica, persa e aramaica que dão sustentação à hipótese de que não só a Bíblia Hebraica não é o texto mais antigo como também foi influenciada por eles (1998, p. 9).

É evidente que em poucas linhas não é possível dar conta da extensa documentação e esgotar a totalidade das fontes literárias pertinentes à história do Oriente Próximo. Por outro lado, ao se aproximar das culturas do Oriente Próximo de povos vizinhos de Israel se pôde, com mais precisão, construir as novas bases do estudo bíblico e os novos métodos de aproximar-se dos textos bíblicos (1998, p. 5).

É possível afirmar que a ideia de exclusividade da Bíblia como única fonte literária do Ocidente tenha sido ocasionada pela ausência de material que provasse o contrário. Impressionantemente, os guardiões dos textos bíblicos descobriram formas de preservar seu *corpus* literário não permitindo que fossem encobertos pela poeira do tempo. Ao contrário, outros povos não conseguiram a mesma façanha.

O material que se tinha acesso até o século XVI não dava conta de perceber com maior clareza o vasto campo da literatura produzida no Oriente Próximo. Citações isoladas sobreviveram nos escritos gregos e iranianos mais tardios, afirma

Briend. É a partir de 1800 em diante que escavações no Oriente Próximo trouxeram à luz estas literaturas submersas da Antiguidade (1988, p. 14).

Descobertas arqueológicas extremamente relevantes para a pesquisa bíblica têm comprovado a suspeita de biblistas, tais como Jacques Briend, de que os textos bíblicos não são exclusivos como se afirmou durante séculos. Por outro lado, segundo o pesquisador, a descoberta de material anterior aos textos bíblicos não supera a hipótese da originalidade dos textos produzidos pelo povo da Bíblia (1988, p. 5).

Os elementos perfilados nesta pesquisa objetivam evidenciar o intercâmbio de culturas na antiguidade oriental. O sistema imperial implantado por potências como o Egito, a Babilônia e a Assíria não impuseram aos povos subjugados apenas altos tributos. Os dominadores carregavam consigo a música, a dança, a pintura, a escultura, a religião e a literatura.

2.4.2 Enuma Elish e a semelhança com Gn 2,4b-25

Não é objeto desta pesquisa um estudo exaustivo da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 e o poema babilônico Enuma Elish. Para este trabalho é suficiente compreender a semelhança presente nas duas literaturas citadas. Os autores apresentados são suficientes para prosseguir com a intuição de que Israel conheceu obras importantes do Oriente Antigo.

Conforme a intuição de Carlos Mesters, o autor da narrativa da criação do homem e da mulher não foi consultar nenhum arquivo histórico para informa-se dos acontecimentos por ele narrados. Segundo o estudioso, não havia essa necessidade porque os fatos eram narrados a partir da realidade. Israel narrava suas experiências. E, o fez tirando tudo do fundo comum da cultura do Oriente Próximo (2012, p. 107).

Quando o objeto de estudos é a história das culturas antigas, fica-se impressionado com a semelhança existente entre a literatura produzida por povos da Antiguidade e os escritos veterotestamentários, sobretudo no que diz respeito aos

primeiros capítulos do livro do Gênesis. Israel, muito provavelmente, conheceu a literatura de seu entorno.

Diversos fatores estão ligados à semelhança entre os textos da Bíblia com os dos povos vizinhos de Israel. De acordo com Jacir de Faria, tal semelhança é possível porque “em se tratando do mundo bíblico, Israel conheceu vários mitos oriundos das culturas cananeia, egípcia, babilônica e mesopotâmica. Muitos destes mitos influenciaram os mitos bíblicos”. (2015, p. 14)

Um dos textos mais conhecidos que especialistas têm utilizado para apreciar as semelhanças entre as cosmogonias orientais e os textos bíblicos é o famoso poema babilônico da criação, Enuma Elish. De acordo com Mario Cimoso:

No início foram criados os deuses de dois elementos primordiais: Apsu (as águas doces que ficam debaixo da terra) e Tiamat (as águas salgadas do mar). O deus mais hábil é Ea que vence Apsu e cria o abismo. Tiamat reage, mas os deuses encarregam Marduk de vingar-se e este inicia uma luta corpo a corpo com Tiamat. Marduk vence e mata Tiamat, dividindo-o em duas partes: com uma constroi o céu e com a outra a terra e o mar (1987, p. 16).

A mesma tabuinha que descreve a luta dos deuses, o poema babilônico da criação narra de maneira semelhante à Bíblia a criação do ser humano:

Gn 2,4b-7	Enuma Elish tab. IV
<p>^{4b}No dia em que lahweh Deus fez a terra e o céu, ⁵não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva do campo tinha ainda crescido, porque lahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. ⁶Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. ⁷Então lahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser</p>	<p>Marduk, sentindo o desejo dos deuses, Decidiu criar uma obra de arte. Quero fazer um tecido de sangue, formar um esqueleto e, suscitar um ser, cujo nome será homem. Que ele fique responsável pelo serviço dos deuses, para o bem-estar deles (CRIAÇÃO, 1987, p. 17).</p>

vivente (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 35).	
---	--

De acordo com a narrativa babilônica, o deus Ea teria criado o homem com o sangue de um deus derrotado, Kingu. De acordo com pesquisas, o poema babilônico da criação do homem era recitado durante a festa do ano novo, em honra de Marduk, e só nos anos 1150-1015 a.C. teria recebido a sua versão definitiva e sido gravado em tabuinhas (CIMOSA, 1987, p. 17).

De acordo com Josef Schreiner, nas literaturas do Oriente Próximo se encontram mitos da criação que praticamente se oferecem para a comparação com as narrativas da criação no livro do Gênesis. Para o pesquisador, este fenômeno se dá quase que por imposição cultural. E conclui: “não se deve negar que imagens míticas e recursos expositivos míticos fazem parte da arte da narrativa não só do povo da Bíblia, mas também, dos orientais e por este motivo são facilmente identificados nos textos da antiguidade” (2012, p. 114).

Com as descobertas arqueológicas no século XVIII, em vários tablets cuneiformes, como o épico de Gilgamesh, sobretudo na Mesopotâmia, pôde-se perceber paralelismos incríveis entre a literatura do Antigo Oriente com textos do livro do Gênesis. Essa descoberta leva a concluir que a Bíblia não seria criadora de tais mitos, pois muitos destes mitos são inclusive anteriores aos textos bíblicos.

Alfred Lápplé em um estudo sobre a datação dos mitos do Oriente Antigo concluiu que o mito Enuma Elish, a epopeia babilônica, é de cerca de 1800 a.C., e a do herói Gilgamesh por volta de 1250 a.C., o mito egípcio, sobre a criação de Mênfis é de aproximadamente 2500 a.C. E, por fim, o mito sumérico de Enki e Ninhursag é datado por volta de 2000 a. C. Com este minucioso levantamento de dados, o autor sugere em sua hipótese:

A narrativa bíblica da criação não se situa num espaço vazio nem representa uma empresa única, mas se constata entre ela e os mitos da criação do Oriente Antigo uma múltipla ligação de conteúdo e linguagem. Acrescente-se, todavia, que a narrativa bíblica da criação precisamente por sua disciplina da linguagem e sobretudo por seu monoteísmo se distancia de muitas cosmogonias do Oriente Antigo (1978, p. 62).

No livro do Gênesis, os autores bíblicos estruturaram os mitos em dois blocos importantes de materiais. O primeiro bloco diz respeito às narrativas da criação (1—11). Estes capítulos especificam a origem da humanidade, expressam a relação de Deus com os seres humanos e dos seres humanos com seus semelhantes e com toda a criação. O segundo bloco (12—50) relata as origens de Israel por meio da história dos patriarcas Abraão, Isaac e José (MACCAMMON, 2010, p. 58).

O recurso ao mito no livro do Gênesis está relacionado com a ideia de origem no mais estrito do termo. Os autores do texto não ambicionaram situar cronologicamente a criação do mundo, mas expressar suas crenças na divindade que o originou: YHWH Deus. De acordo com especialistas até agora citados, tudo levar a pensar que as histórias míticas do livro do Gênesis exigem uma leitura criteriosa e detalhada dos recursos literários utilizados pelos autores e editores dos textos.

2.4 O MITO NO ORIENTE PRÓXIMO

O substantivo mito é bastante usado atualmente. Quando se quer explicar algo que não se entende, costumeiramente se afirma que é um mito. O termo, nos dicionários modernos, pode ser utilizado para definir uma mentira, uma fábula, uma lenda ou algo imaginário que se contrapõe ao mundo real. Possivelmente uma ideia que desconsidera a riqueza literária e simbólica que carregam os mitos bíblicos (FARIA, 2015, p. 15).

Sabe-se que os diferentes povos da Antiguidade: assírios e babilônios, chineses e indianos, egípcios, persas e hebreus, todos tiveram visões próprias da natureza e maneira diversa de explicar os fenômenos e processos naturais. Um mecanismo bastante utilizado pelos diversos povos antigos para explicar suas crenças é o recurso ao mito. Várias culturas antigas se reportaram ao mito como recurso de transmissão de suas crenças.

Para Danilo Marcondes, na Grécia Antiga, berço da filosofia, existiu um pensamento pré-científico que ele chama de pensamento mítico e um pensamento científico que é denominado filosófico científico. Ainda para o autor:

O pensamento mítico consiste em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais da realidade em que vive: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais e as origens deste povo, bem como seus valores básicos. O mito caracteriza-se sobretudo pelo modo como estas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que constitui (MARCONDES, 2001, p. 20).

Em linhas gerais, as lendas míticas não são produtos de um autor ou autores, embora algumas tenham sido atribuídas a personagens famosos da literatura ocidental (Homero, *Ilíada* e a *Odisseia* – séc IX a.C.), mas parte da tradição cultural de um povo. Sua origem cronológica, na maioria das vezes, é indeterminada. Boa parte desse material é fruto de uma transmissão oral: as narrativas, ricas em simbologia, eram contadas de pai para filho com fidelidade e riquezas de detalhes.

Por se tratar de uma tradição cultural, o mito implica na visão de mundo que determinado povo acreditava. Diz respeito à maneira como se vivenciavam as realidades. Neste sentido, o mito exige adesão e aceitação. É quase que uma profissão de fé, crê naquilo que não se vê. Por isso, o mito, por si só, não se justifica, não se questiona, não se fundamenta, nem se presta à crítica ou à correção (MARCONDES, 2001, p. 20).

Um dos elementos chaves do pensamento mítico e de fundamental importância para esta pesquisa é que sua forma de explicar a realidade é o apelo ao sobrenatural, ao mistério e está relacionado ao sagrado. Para os autores veterotestamentários que se utilizavam do recurso ao mito, as causas dos fenômenos naturais, aquilo que acontece aos homens, tudo é governado por uma realidade exterior ao mundo humano.

Em outras palavras, para os povos antigos do Oriente Próximo, e Israel nesse sentido foi bastante influenciado pela cultura dos povos vizinhos; são os deuses ou os espíritos que governam a natureza, ao homem cabe governar a própria sociedade. Na Bíblia, esta perspectiva já está presente no primeiro poema da criação do universo.

2.5 CONTRAMITO E IDENTIDADE LITERÁRIA NA NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

Para Mario Cimoso, as narrativas da criação que foram preservadas no livro do Gênesis, manifestam que elas são produtos de determinada cultura, ou seja, da cultura comum do Oriente Próximo em sua forma israelita. Esta hipótese justifica a semelhança dos textos bíblicos com os textos antigos do Oriente Próximo. Todavia, é evidente que não basta certa semelhança externa e formal nas estruturas das narrativas do Oriente Próximo para falar da proximidade da literatura produzida por Israel com essas narrativas (1987, p. 22).

Por isso, quando o chão em que se está pisando é o da Bíblia, as definições de mito que fazem parte do imaginário coletivo da maioria das pessoas não se acoplam com perfeição e até comprometem a compreensão do verdadeiro sentido do mito bíblico. Para o homem bíblico dos capítulos 1–11 do livro do Gênesis, falar de mito é falar de uma experiência existencial. Não se trata de fábula nem de uma história inverídica, mas de uma visão de mundo: do mundo de suas crenças.

O mito, em geral, para os povos do Oriente Próximo tem a ver com o mundo dos deuses. Diz respeito ao mistério, uma crença atemporal. Tem suas raízes mais profundas no transcendente e na maneira como o divino se relaciona com o humano. Não é irracional, mas parte do pressuposto de outra lógica e, sua razão de ser não consiste na leitura literal das narrativas, mas no sentido das letras que velam concepções.

Nos mitos bíblicos, há, segundo Mario Cimoso, ao menos três elementos que demonstram a originalidade da Bíblia em relação à literatura extrabíblica: o ambiente religioso monoteísta, um profundo senso histórico e uma atitude polêmica e antipoliteísta. Tal constatação não implica em afirmar a superioridade da literatura de Israel com relação à literatura de povos vizinhos. O que se reconhece são as diferenças de perspectivas.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que as narrativas se assemelham, elas se distanciam de forma significativa. O politeísmo dominante na cultura babilônica

cede espaço ao monoteísmo bíblico. Para os babilônicos, o ser humano nasce da luta entre os deuses e tem sua gênese num deus derrotado. Para o povo da Bíblia, além da novidade do monoteísmo a dessemelhança está na dignidade do ser humano criado para cuidar das demais espécies que existem, conforme narrativa em análise.

De acordo com a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, à semelhança das culturas persa, babilônica e assíria, o ser humano foi criado por uma divindade superior e distinta dele em força e poder. Por outro lado, se, para os babilônios, o ser humano apenas ocupa lugar relevante no conjunto da natureza, para o redator final da perícopa bíblica, o homem e a mulher recebem um lugar de destaque no mundo.

Nos textos do Antigo Egito, a criação do homem aparece mais na periferia das cosmogonias, mas ainda assim foram observadas semelhanças com relação aos textos bíblicos. De acordo com um dos documentos encontrados, os homens nasceram das lágrimas dos olhos de Ré; no templo de Luxor representa-se a figura do deus oleiro Khnum (com cabeça de carneiro) a moldar num disco de oleiro o corpo do pequeno faraó Amenófis II, que vai nascer, e de seu Ka; no templo de Deir-Bahari o mesmo deus é representado a moldar sobre a roda de oleiro o corpo da rainha Hatshepsut (CRIAÇÃO, 2005, p. 20).

Conforme Luís J. Standelmann, na concepção mística dos antigos egípcios, o ser humano é apresentado como um microcosmo. Os egípcios entendiam o ser humano como um organismo vivo, cuja imagem estaria localizada no firmamento. Esse firmamento estaria ocupado por uma divindade que representa o macrocosmo, isto é, o universo concebido como um organismo vivo (2007, p. 26).

A análise das cosmogonias antigas mencionadas permite ao pesquisador afirmar que, nas narrativas bíblicas e extrabíblicas, existe semelhanças e dessemelhanças. o mundo e os seres humanos foram, em geral, criados pelos deuses. Os deuses decidiram criar o mundo e a humanidade. O mundo nasce de uma intenção criadora. Os seres humanos foram feitos do barro ou do sangue dos deuses. Os deuses criaram os humanos para que estes o servissem enquanto eles

descansavam. Atribuíram à humanidade a morte e conservaram em suas próprias mãos a vida plena (STANDELMANN, 2007, p. 21).

SÍNTESE DO SEGUNDO CAPÍTULO

Em virtude da maneira como estão intimamente relacionados, as narrativas do Antigo Testamento com os acontecimentos históricos, os eventos veterotestamentários são de singular importância para a compreensão dos textos bíblicos (BRIGHT, 2003, p. 9). Isso acontece porque os pilares da história não se erguem do nada. Os pilares da história bíblica também não caíram prontos do céu. Eles obedeceram à marcha do tempo e não se impuseram para além dos fatos e acontecimentos. Na verdade, nos fatos e acontecimentos, a história do povo da Bíblia, gradativamente, se fez. Por isso, as histórias bíblicas têm um chão. Elas se passaram num lugar específico com geografia e topografia que evocam lugares concretos, retratam cenários reais e personagens que viveram experiências fascinantes.

O presente capítulo ofereceu, neste sentido, elementos históricos que favorecem a compreensão do contexto vital em que viveu Israel no exílio da Babilônia, possível berço da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Favoreceu a compreensão da importância da geografia que influenciou a construção da narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. E, finalmente, apresentou ainda, uma síntese do contexto literário do Oriente Próximo que serviu de inspiração para que Israel construísse sua própria identidade literária.

3. ANTROPOLOGIA SUBJACENTE À NARRATIVA DA CRIAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER EM Gn 2,4b-25

Gênesis 2,4b-25, como foi visto até aqui, narra a criação do homem e da mulher a partir do recurso histórico-literário. A narrativa apresenta ainda a situação do primeiro casal criado por Deus e colocado no jardim. De acordo com a perícope, o homem e a mulher viviam harmoniosamente entre si e em relação a toda a criação. Por outro lado, o cenário geral descrito pelo livro do Gênesis carrega consigo peculiaridades importantes no que diz respeito à cosmogonia veterotestamentária que ainda precisam ser mais bem elucidados.

No que se refere à antropologia bíblica, tema principal deste capítulo, esta narrativa é de fundamental relevância para se compreender a visão de mundo e do ser humano preservadas nas páginas milenares da tradição judaico-cristã. Na perícope em estudo, estão lançados os pilares da antropologia que influenciou a visão de mundo no Antigo Testamento e no Novo Testamento e que se tem perpetuado na tradição cristã no discurso e nas obras de teólogos, biblistas e pessoas interessadas pela Bíblia.

3.1 NOÇÕES DE ANTROPOLOGIA BÍBLICA: UMA PORTA DE ENTRADA NA VISÃO DE MUNDO E DE SER HUMANO A PARTIR DE Gn 2,4b-25

Antropologia, por definição, é o estudo do homem. Por antropologia bíblica, compreenda-se o estudo do homem a partir do texto bíblico (BERKHOF, 2001, p. 167). Trata-se da visão do homem encerrada nas páginas da Bíblia. As linhas que seguem, elucidarão o que diz a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 sobre o homem, sobre o mundo, sobre Deus.

A pergunta sobre a origem do ser humano e de tudo o que existe está presente nas mais distintas culturas, desde a Antiguidade. Não é por mera elucubração. Também não é por simples curiosidade intelectual. A pergunta sobre a origem da vida e de tudo o que existe toca o mais profundo da existência humana.

Neste sentido, para o filósofo italiano Batista Mondin, a pergunta sobre a origem da humanidade “é a grande, a máxima interrogativa, a interrogativa das interrogativas” (2000, p. 5). E continua:

São infinitos os quesitos que se juntam a nossa mente; muitos roçam problemas de grande interesse, mas nenhuma questão precede em ordem de importância, urgência e gravidade. Com efeito, a interrogativa “o homem, quem é ele?” não se refere a qualquer fato, coisa, pessoa estranha ou afastada de nós, mas toca diretamente a nós mesmos, a todo nosso ser, a nossa origem e nosso destino (2000, p. 6).

A necessidade de respostas às perguntas existenciais está presentes porque a espécie humana, de natureza filosófica, é o único ser vivo com capacidade de interrogar a si mesmo acerca de sua origem e de sua finalidade. Sendo o único animal racional com capacidade intelectual de investigar e aprofundar o mistério de sua própria existência, o ser humano não suportaria uma vida sem sentido. As perguntas existenciais esclarecem o sentido do viver pessoal e coletivo e por isso fazem parte do arcabouço histórico das culturas desde a Antiguidade.

A pergunta sobre a origem de tudo não é a pergunta de um indivíduo ou de um grupo específico apenas. Toda a espécie humana caminha em busca de sentido para si e pra tudo que existe. Na busca pelas respostas todos os seres humanos se põem em marcha em vista do conhecimento e da descoberta da funcionalidade de si e da vida.

Trata-se de uma busca de si mesmo e em vista da descoberta de seu lugar no mundo. Desta busca existencial de sentido para si e para o mundo nenhum ser humano está alheio. Conforme Thomas H. Huxley:

A interrogação de todas as interrogações para a humanidade – o problema que subjaz a todos os outros e que mais que qualquer outro suscita o nosso interesse – é a determinação do lugar que o homem ocupa na natureza e das suas relações com o universo das coisas. De onde provém a nossa espécie; quais são os limites de nosso poder sobre a natureza e do poder da natureza sobre nós; qual é o fim para o qual caminhamos, esses são os problemas que depara novamente e com imutável interesse cada homem que vem ao mundo (1963, p. 52).¹

¹ The interrogation of all questions for humanity - the problem that underlies all others and that more than any other one provokes our interest - is the determination of the place that man occupies in the

A antropologia filosófica interpreta o fenômeno do ser humano exatamente nesta perspectiva. As perguntas existências “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?” estão no cerne mais profundo da curiosidade humana. Explícita ou implicitamente estas perguntas fazem parte do dia-a-dia das pessoas. Não respondê-las ocasionaria a perda de sentido e a falta de interesse pela vida. Seria uma decisão insuportável.

Marilena Chauí, filósofa brasileira, entende que “para os homens, conhecer é um impulso como que natural e instintivo no sentido em que brota espontaneamente, confundindo-se, na sua origem, com o próprio impulso da vida” (2007, p. 19). Conhecer, na perspectiva do intelecto, é uma faculdade inata que aguça no ser humano suas capacidades intelectivas e o lança rumo ao desconhecido em busca de respostas que deem sentido à vida e a tudo que existe.

As linhas que antecedem permitem afirmar que, dentre os seres vivos, o ser humano é o único com capacidade de interrogar a própria existência e perguntar para si mesmo qual o sentido da vida e do mundo. Também somente ele carrega em si a possibilidade de pensar uma existência primária e origem de todas as outras e que comumente as diversas culturas denominam Deus. Para o filósofo italiano Batista Mondin:

O homem distingue-se dos animais porque, enquanto estes se limitam a registrar as impressões sensíveis e a seguir os instintos imediatos, ele quer conhecer o *porquê* das coisas e se propõe fins a conseguir. Quando o *porquê* das coisas e os *fins* assumem um sentido geral, último, absoluto, ultrapassa-se o horizonte do conhecimento comum e científico e penetra-se no campo da filosofia. Esta, apesar de não se referir ao imediato e ao particular, não é uma pesquisa abstrata e descomprometida, como muitas vezes se pensa, mas diz respeito aos problemas mais concretos, vitais e interessantes. Ela representa o esforço para se chegar a uma explicação exaustiva e concludente da vida, da História, da realidade (1977, p. 5).

nature and its relations with the universe of things. Where does our species come from? what are the limits of our power over nature and the power of nature over us; what is the end for which we walk, these are the problems that come again and with unchanging interest every man who comes to the world.

As impressões de Battista Mondin a respeito da filosofia enquanto ciência legítima que pergunta e busca resposta sobre a existência, em muito se parece com a ciência teológica e, em particular, com a intenção pretendida pela narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. O autor sagrado quer responder a seus leitores, a partir de sua cosmologia e, portanto, sua visão de mundo, qual a origem de todas as coisas.

Utilizando-se do recurso mítico, a intenção do editor final não é descrever a história do mundo e do ser humano, no sentido estrito. A linguagem simbólica, presente no mito bíblico, acena para uma compreensão mais ampla da vida e do mundo como tem sido demonstrado ao longo desta pesquisa. O que se disse sobre o mito não quer negar a importância do texto escrito em si, mas reafirmar a importância do sentido do texto por trás das palavras.

Ainda sobre as perguntas existenciais, o estudo da antropologia da religião tem elucidado que a pergunta sobre a origem da humanidade é tão antiga quanto o mundo. A história das civilizações antigas registraram diversas tentativas de respostas. Na Antiguidade, os babilônios, os persas, dentre outros grupos humanos deixaram por escrito suas cosmogonias e visão geral do mundo. Com Israel não foi diferente.

Muitas tentativas de respostas às perguntas existenciais sobre a origem da vida e do mundo estão relacionadas às crenças da humanidade. Existe uma relação muito intrínseca entre as respostas dadas sobre a origem da vida e a maneira como o ser humano se relacionava com a divindade na Antiguidade (GLEISER, 2014, p. 37). A resposta acerca da origem da vida em Gn 2,4b-25 é consequência da história de um povo com seu Deus.

O arcabouço literário da cultura judaico-cristã evidencia uma percepção de mundo e do ser humano, a partir da visão e de uma relação com Deus e é a partir dessa relação que a relação do ser humano com o mundo se acerta. No caso de Israel, a partir da narrativa da criação é conveniente recordar que, não bastando à percepção da existência de Deus, o ser humano ainda busca relacionar-se com ele e busca compreender a origem e o funcionamento de tudo a partir de Deus.

A história das religiões tem alargado o conhecimento sobre as mais diversas formas de percepção religiosa e de relacionamento com a divindade. O estudo aprofundado das culturas religiosas da Antiguidade permitiu classificar em dois tipos fundamentais a atitude do ser humano perante o Absoluto e conseqüentemente sua visão de mundo:

Nas religiões naturais, o homem descobre Deus como criador a partir de seus vestígios no universo. Responde a este conhecimento com uma reação espontânea. Mas, nesse momento, toma consciência das suas diversas aspirações insatisfeitas e enfrenta o problema do mal e do sofrimento. O esboço de solução que encontra na sua religião revela-se inadequado e obriga-o a uma nova busca. As religiões vindas da árvore abraâmica e notadamente da Bíblia judaica reconhecem a Deus em sua criação, mas igualmente a partir de sua intervenção na história, na qual Ele escolheu um povo, o guia e o salva (MESLIN, 1998, p. 20).²

Quando se leva em consideração a hipótese de Meslin, o povo da Bíblia, progressivamente, demonstrou sua singularidade, se relacionado com outras culturas antigas. Para Israel, sua existência é consequência da eleição feita por Deus. Israel foi criado por Deus e em função dele. Essa consciência de povo escolhido e criado para um fim determinado leva Israel a professar sua fé num Deus criador e origem de todas as coisas.

Três religiões da humanidade: judaísmo, cristianismo e islamismo trazem a experiência do ser humano que credita tudo que existe a uma fonte única, Deus. Ou seja, os três monoteísmos mais conhecidos do mundo ocidental trazem em seu bojo a experiência e a doutrina do Deus criador (MÜLLER, 1998, p. 78). Contudo, nenhuma delas até hoje tem influenciado de maneira tão surpreendente o Ocidente quanto o cristianismo, herdeiro da tradição de Israel.

Na atualidade, existe grande interesse nas discussões filosóficas, científicas e religiosas sobre a origem do ser humano. Os anos se passaram e o tema continua tão relevante quanto foi no passado. Em todas as épocas, o ser humano tem se

2

In natural religions, man discovers God as creator from his vestiges in the universe. Respond to this knowledge with a spontaneous reaction. But at that moment he becomes aware of his many unsatisfied aspirations and faces the problem of evil and suffering. The outline of the solution he finds in his religion turns out to be inadequate and forces him to search again. Religions coming from the Abrahamic tree and notably from the Jewish Bible recognize God in his creation, but also from his intervention in history, in which He chose a people, the guide and the saved

questionado sobre sua origem, tem se interessado em dar um sentido a sua própria existência e finalmente, mas não menos importante, se interessado por seu fim último.

No atual cenário mundial de crise humanitária, risco eminente de guerras e degradação ambiental se faz necessário retomar a pergunta inicial da origem da humanidade e sua finalidade enquanto ser que existe e é dotado de capacidades e poder de intervenção em sua própria vida e no mundo que existe fora dele.

Por outro lado, esta pesquisa não aborda a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 a partir da antropologia científica. A antropologia bíblica difere da antropologia científica pela abordagem e pelo fundamento. O objeto de estudo desta pesquisa é a narrativa já referida. Ela é analisada no âmbito da revelação de Deus a partir da visão que o próprio texto bíblico oferece.

3.2 A VISÃO DO SER HUMANO E DO MUNDO: O QUE É AFIRMADO EM Gn 2,4b-25

No livro do Gênesis, foram registradas duas narrativas sobre a criação do mundo e do ser humano, que se aproximam pela temática apresentada, mas, se distanciam quanto à sutileza e à riqueza de detalhes que carregam em si.

Visto que o primeiro relato da criação já descreveu a “origem do céu e da terra”, a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 não pretendeu estabelecer nenhum novo início temporal, mas sim elucidar, com mais detalhes, a criação do homem e sua relação com a mulher e com o mundo (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 122).

O percurso realizado até aqui leva a pensar que existe, para além do texto, um sentido simbólico na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Ler as primeiras páginas do livro do Gênesis apenas em chave histórica é, no mínimo, ingenuidade. Além de primitiva, esta é uma leitura que caminha na contramão da estrada construída pela pesquisa bíblica mais recente.

Até aqui o mais sensato é pensar que os textos bíblicos precisam ser compreendidos em sua totalidade e dentro de seu contexto. Ao se referir ao livro do Gênesis, Antônio Moser afirma:

Os primeiros capítulos do Gênesis são paradigmáticos: eles nos abrem os olhos para um mundo maravilhosamente complexo, onde as descrições, sem serem históricas, versam sobre realidades profundamente históricas e lançam luzes sobre o sentido de todas as criaturas. Mas, por trás desta simples palavra “criação”, esconde-se um verdadeiro emaranhado de questões que se cruzam e entrecruzam com tantas outras realidades, também complexas (2003, p. 51).

De acordo com a análise de Moser, os textos bíblicos da criação não podem ser simplificados e compreendidos fora do seu contexto. A leitura literal das narrativas bíblicas, sem mediação, carrega consigo um rastro de violência contra o próprio texto e compromete sua ampla compreensão.

Os reais avanços, acerca do estudo bíblico impõem ao leitor moderno um número razoável de elementos que devem orientá-lo para um caminho mais seguro e menos esdrúxulo do livro das origens de Israel. A análise dos aspectos literários permite não apenas compreender o texto em si, mais também a relação estabelecida pelo leitor com o próprio texto.

A representação da história da salvação que parece emergir da narrativa da criação bíblica tem algo de linear que pode levar o leitor a certa ilusão, quando a aproximação do texto é simplória. Levar a sério a conclusão de especialistas na área é, possivelmente, o caminho mais acertado.

A profissão de fé da Igreja Católica afirma que Deus é o todo poderoso criador do céu e da terra. A expressão “céu e terra”, empregada pelo credo apostólico, é uma expressão simbólica que expressa totalidade, ou seja, Deus é a origem de todas as coisas e não existe nada fora do seu projeto criacional e da relação com ele.

3.3.1 O homem e a mulher criados por Deus e para relação com ele

De acordo com Leonardo Boff, o ser humano é um nó de relações voltado para todas as direções, até para o Infinito. Segundo a leitura que Boff faz de Aristóteles, pelo pensamento, o homem é, de alguma forma, ligado a todas as coisas e busca o fundamento para todas elas (2013, p. 20). A resposta última com o qual o ser gênero humano se depara é Deus.

Para o povo da Bíblia, as perguntas existências - Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? - encontram uma tentativa de resposta na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25. Se, nas diversas culturas, se pôde perceber um comportamento religioso, para o povo da Bíblia, Deus é a explicação para o mundo e para o ser humano. É nele e a partir dele que se estabelecem todas as relações. Do ser humano com Deus, consigo mesmo e com o mundo a sua volta.

O texto bíblico permite perceber as intuições fundamentais da concepção escondida nas entrelinhas da perícopé. De acordo com Gn 2,4b-25, há uma inclinação natural do ser humano para Deus que se dá pela necessidade de conhecê-lo e relacionar-se com ele. O ser humano foi criado por Deus e para estar em relação com ele.

A capacidade de relacionar-se com Deus é uma das características que distanciam o ser humano das demais espécies criadas. A beleza da criação na imensidão dos oceanos com suas espécies marinhas, as complexas teias que relacionam os seres vivos entre si não se equipara à relação do ser humano com Deus. O homem é a obra prima da criação.

O ser humano, contudo, dotado de razão, na relação com Deus se percebe parte da criação e, por isso, de natureza inferior a Deus. O ser humano se percebe criado. A condição de criatura não permite ao ser humano se igualar a Deus. O homem é de natureza humana e não divina. Existe uma relação intrínseca e natural que ordena a relação Deus/ser humano. A quebra dessa ordem ocasionará a degradação da relação do ser humano com Deus, consigo mesmo e com o mundo criado.

O ser humano é a obra prima de Deus. Neste sentido, o que tem despertado o interesse no texto bíblico da criação do homem e da mulher não é o “ser” do homem, mas sim o seu “devir” De fato, a pergunta inicial sobre a origem da vida e o

sentido do viver encontra verberação na pergunta final sobre a existência: para onde vamos? (STADELMANN, 2007, p. 28).

A maneira sugestiva de mostrar o ser humano como obra-prima da criação é com a metáfora do criador personificado pela figura de um artista plástico. O remate final da atividade criadora é o tratamento todo especial dispensado à figura humana que recebe da boca de Deus o hálito de vida, visualizando nesse gesto: o dom da vida é um dom gratuito de Deus e a incomparável dignidade da pessoa humana e a função de interlocutor com Deus.

Por outro lado, na relação com Deus, o ser humano se descobre, descobre a Deus e descobre o sentido de sua existência e da existência do mundo. A consciência da limitação humana torna o homem e a mulher dependentes do criador, mas em total harmonia com ele. Fora da relação com Deus tudo é caos. Tudo é fragmentação. Tudo perde o equilíbrio. A degradação do ser humano e da vida acontece pela quebra da relação com Deus.

O ser humano é ainda, segundo o texto bíblico da criação do homem e da mulher, um ser totalmente dependente do ser de Deus. É o sopro de Deus que permite ao ser humano criado do pó da terra a vitalidade e o torna um ser vivente. Deus tem o poder de conceder o sopro de vida e de retomá-lo.

O ser humano deve sua existência a Deus e a conservação de sua vida a ele. A causa da existência do ser humano no mundo é ser um traço do mistério de Deus na conservação da vida e do mundo. O ser humano é um reflexo do Deus criador porque foi criado por ele e para relação com ele e com seu semelhante.

3.3.2 O homem e a mulher na relação um com o outro

Uma das intuições fundamentais da sociologia e da filosofia antropológica é a compreensão do ser humano como um ser, por natureza, de relação. Um argumento que endossa tal concepção é a constatação de que as sociedades humanas estão organizadas e são constituídas a partir das relações que se estabelecem entre os indivíduos e entre os grupos humanos diversos.

Ainda de acordo com esta intuição é possível afirmar, sem equívocos, que nenhuma pessoa é uma ilha distante e isolada do resto do continente humano. A observação e a prática não permitem afirmar a existência de um ser humano, qualquer que seja que esteja desvinculado da grande teia de relação universal que liga as pessoas umas às outras.

Antes de elucidar aspectos da relação entre o homem e a mulher alguns questionamentos são pertinentes e servirão de base para a compreensão das linhas que seguirão. O que afirma o texto em si sobre a criação do homem e da mulher? Que lugar a mulher ocupava na sociedade em que o texto nasceu? A origem da submissão e subserviência da figura feminina tem suas raízes na narrativa do Gn 2,4b-25?

A leitura fundamentalista do texto leva a pensar que o homem foi modelado da argila do solo. A mulher, por sua vez, na ordem temporal da perícopes, foi criada posteriormente. De acordo com este tipo de leitura, Deus criou primeiro o homem e só depois teria formado, do lado do homem, a mulher.

Dessa leitura superficial, de cunho fundamentalista, teria surgido um dos mais básicos argumentos da superioridade do homem em relação à mulher. Se Deus criou primeiro o homem significa dizer que este é superior à mulher que foi criada em segundo lugar e a partir de uma necessidade do homem, a solidão.

Outro elemento que elevou a figura masculina ao pódio da superioridade com relação à mulher é o machismo. O machismo, em diversas ocasiões, foi confundido com a cultura patriarcal presente nas primeiras páginas da Bíblia e legitimado o histórico de violência contra a figura feminina.

Para o povo da Bíblia, machismo e patriarcalismo são palavras com significados tão distantes quanto o céu está distante da terra. Por patriarcal se entende o sistema social em que a figura central é a do patriarca, pai e chefe da família que domina sobre o clã de maneira absoluta. Embora numa sociedade patriarcal a figura da mulher esteja vinculada à figura do homem, este tem responsabilidade sobre ela e deve dedicar o máximo cuidado para mantê-la.

O machismo, por sua vez, estabelece como parâmetro a figura do macho, conseqüentemente desqualificando a figura feminina em si. A figura feminina, em si, é compreendida como sujeito de segunda categoria, sujeita aos mais diversos infortúnios da vida e muitos deles legitimados pela supremacia do macho que se sobrepõe à figura feminina.

Embora, na cultura Ocidental, resistam traços fortes da cultura machista que oprime e vitimiza a figura feminina, em diversos aspectos, esta cultura não pode ser legitimada apenas pelas páginas da Bíblia. Ao se referir à narrativa, Luís J. Stadelmann afirma:

Há poucos termos hebraicos referentes à anatomia humana, entre os quais não consta “costela”. A palavra hebraica “sela” ocorre quatorze vezes no livro do Êxodo, com sentido da locução prepositiva “ao lado de”. Em outros textos tem sentido de um substantivo: a) “ala lateral”; b) “construção anexa”; c) “tábua, soalho de tábua”; d) “viga (sobre colunas)”. Somente em Gênesis 2,21-22 ocorre essa palavra, erroneamente traduzida por “costela”, devendo-lhe restituir o sentido original: “figurino”. Esse sentido é obtido ao situar a palavra no seu campo semântico, onde a palavra é usada nos textos antigos referentes à construção de casas e à fabricação de estátuas. A escultura está relacionada com a arquitetura: ambas tratam da execução de uma obra acabada (2007, p. 28).

A criação da mulher é descrita em termos de fabricação de uma estátua, na referência a Deus que se serviu de um “figurino”, tomado do homem, que ele modelou numa mulher. Assim sendo, diz o autor:

A mulher tem a mesma dignidade que o homem por causa da sua elevação ao status de nobreza. Ambos encontram-se no jardim do Éden, que lhes permite fluir da proximidade de Deus. Segundo a tradição religiosa da Mesopotâmia, o jardim anexo ao templo era destinado ao lazer da divindade tutelar do país e seu acesso franqueado unicamente ao rei e à sua consorte. Assim a presença de Adão e Eva no jardim é comparado à família real (STADELMANN, 2007, p. 29).

De acordo a hipótese acima, a dignidade do homem e da mulher não têm seu alicerce na relação de superioridade e inferioridade, mas de igualdade. É tarefa do homem cultivar e guardar o jardim. Tarefa idêntica que Deus dá à mulher por estar ao lado do homem e, por isso mesmo, parceira dele nos deveres e nas

responsabilidades para com o jardim, síntese da relação de proximidade com Deus e com a criação.

De acordo com Gn 2,18, a mulher teria sido criada por Deus para suprir a solidão de Adão. Por isso, ela teria sido criada para ser companheira, para o diálogo, para o amor, para a reciprocidade e para a geração de outros humanos. Sobre este texto, escreve Andrés Ibañez Arana:

“Vou fazer um auxiliar que lhe corresponda” (kenegdô: algo que sendo distinto, ajusta-se perfeitamente). Deus faz com que o homem se dê conta da sua solidão em meio a tantos animais. “Iahweh Deus modelou então, do solo (a criação dos animais não merece aqui maior atenção), todas as feras selvagens [...] para ver como ele as chamaria”. Dar o nome supõe conhecer a natureza e o destino de cada animal e expressá-los e mostrar seu domínio sobre eles. O homem é o rei da criação. Não encontrará, entre tantos animais um que lhe tire a solidão? O homem vai dando nomes e os põe inteligentemente: “esse é seu nome”. Mas, para o homem não encontrou auxiliar que lhe correspondesse (2003, p. 64).

Na narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25, está presente à intuição fundamental da relação intrínseca entre o homem e a mulher criados por Deus. Uma análise apurada da perícope permite observar a estreita relação entre o primeiro casal. Possibilita ainda pensar e supor um sentido para a existência do ser humano na relação entre si e na relação com o mundo.

Ainda conforme a análise da perícope é de Deus criador a iniciativa de criar a mulher. É ele quem constata a solidão de Adão: “Não é bom que o homem esteja só” (v. 18). Ao que indica a narrativa, a bondade do mundo criado não corresponde ao grau de perfeição humana. É preciso que haja um ser similar. Da constatação da solidão, Deus cria a mulher.

A palavra **זָלָה**, *šēlā*^e usada em Gn 2,18 para designar a mulher pode ser encontrada em diversas passagens do Antigo Testamento se referindo ao próprio Deus (por ex.: 1Sm 7,12; Sl 121,1–2). Quando se leva em consideração os paralelos que se aproximam de Gn 2,4b-25, é possível ampliar a visão sobre a mulher e sobre sua relação com o homem.

É possível notar o desenho de Deus na feminilidade da mulher. A mulher, modelada do lado, carrega em si características que a assemelham ao criador. Nos paralelos acima citados, o criador aparece ao mesmo tempo como cuidador. Deus cria, mas não abandona a sua criação. A mulher, criada por Deus, carrega em si os traços divinos de seu cuidado. Conseqüentemente, a palavra não implica qualquer ideia de subordinação ou inferioridade feminina.

Em 1Cor 11,7-9 tem-se, notadamente, uma leitura do Gn 2,18-19 como expressão da superioridade do homem sobre a mulher. Contudo, a análise do Gn 2,4b-25 leva a pensar e a afirmar que a mulher foi criada para uma parceria plena e igualitária. O histórico negativo de submissão da mulher se dá não pelo fator bíblico em si, mas pelo contexto histórico-hermenêutico. A cisão está na interpretação feita ao longo dos séculos e legitimada por diversos fatores: culturais, socioeconômicos e religiosos.

A partir do texto, é certo afirmar que a subserviência da mulher na relação com o homem não está nas páginas do relato em estudo. As entrelinhas da narrativa supõem uma relação de respeito, reciprocidade e cuidado. O homem é diferente da mulher, mas não lhe é superior. Homem e mulher são realmente diferentes, distintos, mas não são superiores um ao outro.

3.3.3 O homem e a mulher na relação com as coisas criadas

Ao se referir à natureza, muitas pessoas entendem o romantismo das paisagens bucólicas das matas, dos mares ou do horizonte desfalecendo no fim da tarde. Natureza é tudo que existe no mundo, ou seja, o próprio universo. O ser humano é parte do universo, logo é parte da natureza.

O sentido mais usado de natureza é o que relaciona à teia da vida toda biosfera do planeta. Nesta perspectiva, todas as espécies dependem dessa teia que conjuga todo universo numa relação fundamental para a subsistência. Toda e qualquer espécie que não se assimile a essa teia comum que interliga tudo que existe será extinta do universo para sempre.

Não há como pensar o contrário: o modo de vida de todas as espécies deve respeitar os limites e a capacidade de regeneração de todos os recursos que compõem a natureza, ou seja, todo o universo. Na natureza, todos os seres são interdependentes e estão conectados entre si.

A natureza é um sistema dinâmico que conecta tudo entre si. Ecossistemas inteiros estão intimamente conectados e dependem uns dos outros. Tudo opera em um equilíbrio muito preciso que garante a harmonia capaz de produzir os recursos necessários para a sobrevivência das espécies. O ser humano é parte importante e fundamental para o equilíbrio da vida.

Esta intuição não é moderna, mas está presente desde a Antiguidade. A narrativa da criação do homem e da mulher preservou a intuição fundamental da interdependência do universo criado por Deus e para relação com ele. Em outras palavras, o homem foi criado por Deus no mundo e em relação com ele.

Afirmar a supremacia do ser humano com relação às demais obras da criação não implica em levar o universo à degradação ambiental ocasionada por ele. Eles são superiores às demais obras da criação porque foram criados para relação com Deus, mas não são alheios ao conjunto da obra criada.

O homem e a mulher são parte da criação. Esse, na visão bíblica, é o paradoxo inventado pelo criador: homem e mulher acima das coisas criadas, mas em total dependência e em relação com elas. Segundo o Papa Francisco:

O fato de insistir na afirmação de que o ser humano é imagem e semelhança de Deus não deveria fazer-nos esquecer de que cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus (2015, p. 68).

Ainda sobre este aspecto, José Tolentino Mendonça afirma:

O homem não tem poderes inatos sobre o céu, o mar e a terra, os três planos que no Médio Oriente antigo, serviam para explicar a composição do universo. Porém, o homem não lhe é indiferente, pois recebe de Deus uma responsabilidade. O conteúdo de tal provisão, expresso pelo verbo “dominar”, deve entender-se não à maneira de uma tutela absoluta e arbitrária, mas próximo do campo semântico pastoral. “Dominar” significa “apascentar”, “guiar”, “acompanhar”. O

homem emerge como pastor do Criador. Faz as vezes de Deus, é seu lugar-tenente, seu representante e, nesse pressuposto, exerce a tarefa de cuidar. O poder recebido de Deus configura-se mais como uma bênção do que como uma ordem. E, se assim é, a presença e a ação do homem não deveriam nunca representar uma maldição ou uma desventura para a terra e seus elementos. Os processos de inscrição da espécie humana no seu habitat não são apenas fisiológicos ou genéticos, mas são, portanto, chamados a refletir a peculiaridade projetiva e teológica do homem (2015. p. 79).

Embora seja verdade que os seres humanos, em comparação com os demais seres criados, ocupam um lugar eminente e desempenham um papel especial, não se deve esquecer que fazem parte, de modo excepcional, do resto da natureza criada. O ser humano foi feito do “pó da terra” (Gn 2,7), isto é, ele compartilha, com toda a natureza, a mesma base material.

O ser humano, criado por Deus, é parte integrante do conjunto da criação. Na perícopes de Gn 2,4b-25, Deus aparece como criador e cuidador da vida. Ao criar o ser humano, à sua imagem e semelhança, conforme o paralelo com Gn 1,26-27, Deus compartilha com a criatura humana duas de suas características fundamentais: criar e cuidar.

Se para Deus criar significa oferecer e dispor de todo universo para a subsistência das espécies e do ser humano se mostrando um Deus cuidador, para o ser humano criar significa manter os traços da perfeição divina na obra da criação, mantendo, de forma equilibrada, sua existência e a existência do mundo. Cuidar é recriar.

Segundo Leonardo Boff, cuidar da Terra é, finalmente, cuidar do Sagrado que arde dentro de cada ser humano criado por ele e para relação com ele. O homem e a mulher não agem por instinto, mas são orientados pela própria consciência a partir de valores éticos que são mantidos em sociedade. A nenhum outro ser vivo foi dada a característica que o aproxima de seu criador a semelhança do ser humano. O homem e a mulher, no conjunto da criação (Gn 1—2) é o que Deus criou de mais perfeito (2014, p. 20).

Revisitar os relatos das origens e redescobrir neles a beleza dos primórdios pode significar um caminho alternativo de reconstrução da relação com Deus,

consigo mesmo e com o mundo. A cada dia, a vida se renova e com ela as esperanças.

SINTESE DO TERCEIRO CAPÍTULO

De acordo com a narrativa do Gn 2,4b-25, o ser humano veio à existência por uma decisão divina. Deus aparece na narrativa da criação como o autor e o provedor de tudo o que existe. Dentre as obras criadas, o ser humano ocupa um lugar diferenciado. Ele foi criado para à relação com Deus, consigo mesmo e com o mundo.

O gênero humano é de natureza relacional, de acordo com a narrativa. Mas as relações não devem ser mantidas sobre a relação de poder de um sobre o outro ou sobre o mundo. Homem e mulher são parceiros no cuidado para com a criação. Cuidar um do outro e do mundo é manter a ordem estabelecida pelo Criador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Unindo ou dividindo, a Bíblia é, sem dúvidas, uma das maiores heranças culturais do Ocidente. Os textos bíblicos são um legado precioso, enorme e, ao mesmo tempo, enigmático. Ao longo dos séculos, o espaço geográfico do Ocidente, a Europa e posteriormente as Américas, foi construído e unificado por cristãos que, por sua vez, se basearam nos ensinamentos de Jesus e na herança judaico-cristã. Lida e relida há séculos, ela é o livro mais traduzido atualmente.

Constituída por textos legislativos, poéticos, narrativos, epistolares dentre outros gêneros, trata do testemunho da experiência religiosa de um povo com seu Deus - YHWH. Durante mais de dois mil anos, a Bíblia explicou e deu sentido ao mundo, à natureza, ao homem. Durante séculos, as narrativas míticas dos primeiros capítulos do livro do Gênesis explicaram e deram sentido a quase tudo que existe. Na matriz cultural do Ocidente, inspirou poetas, músicos, pintores, escritores, artistas das mais diversas áreas.

Dada a sua importância, este livro milenar atraiu para si, nos últimos anos, o interesse de especialistas que a consideram uma fonte documental de suma importância não só para o cristianismo, mas também para a historiografia moderna. Nela, podem ser encontradas informações fundamentais para a compreensão da história remota do homem de ontem, que, de alguma forma, ajudam a compreender o edifício cultural erguido no Ocidente.

No campo da ciência teológica, a Bíblia sempre esteve presente quando progressivamente foi se formando o corpo doutrinário do catolicismo. Sendo ela a alma da teologia católica, esteve presente na teologia dos Padres da Igreja, nos concílios ao longo da história, nos escritos dos santos, nas encíclicas papais e na liturgia oficial da Igreja.

Desde a Antiguidade, a literatura bíblica esteve presente no edifício cultural do Ocidente e foi decisiva em diversas áreas do conhecimento humano. Contudo, as relevantes descobertas arqueológicas dos últimos séculos foram responsáveis por

uma mudança de paradigma, no que diz respeito à aproximação bíblica, enquanto objeto de pesquisa.

Quando se tem uma visão extremamente religiosa da Bíblia, lê-la como obra literária pode se tornar um problema. Afirmar que, em alguns aspectos, ela se assemelha à obra literária produzida por Clarice Lispector pode ser um equívoco para quem é adepto do biblicismo. A Bíblia, contudo, é, mas não só, um conjunto de escritos produzido por pessoas reais que viveram em períodos históricos reais.

Como todos os autores da literatura clássica os autores da Bíblia usaram suas línguas nativas e as formas literárias disponíveis para autoexpressão. A Bíblia não caiu do céu pronta. É fruto do esforço humano. Por isso, seus autores criaram assim, um material que pode ser apreciado e investigado nas mesmas condições que se apreciam e se investigam a literatura em geral, tais como as obras de Clarice Lispector, de Olavo Bilac, dentre outras.

Este trabalho é um esforço para comprovar que é possível conhecer mais profundamente o mundo do texto bíblico, a partir do próprio texto bíblico. Sem a pretensão de esgotar o assunto, estas poucas linhas fizeram um percurso por diversos aspectos escondidos nas entrelinhas da narrativa da criação em Gn 2,4b-25. A partir da análise minuciosa do texto, foi possível compreender elementos importantes dos aspectos literários, históricos e da antropologia subjacente à perícopes.

Sem levar em consideração o contexto histórico e os aspectos literários da Bíblia, sua leitura pode se tornar um grave risco. Por isso, há de se levar em consideração que a Bíblia não é um livro tão simples como costumeiramente se pensa. Não é como um livro de receitas que se compra em qualquer banca de jornal e se põe a seguir o passo a passo da receita. Ela exige um rito. Ela impõe critérios ao leitor por mais simples que ele seja.

A não utilização dos critérios oferecidos pela pesquisa do contexto histórico e dos aspectos literários contidos no texto bíblico pode levar ao fundamentalismo bíblico, negação da necessidade de uma mediação hermenêutica. Diante deste risco, fez-se necessário um aprofundamento, com seriedade, do texto bíblico, visando tornar mínimas as consequências negativas desta tendência, bastante presente no cristianismo.

Ao analisar a narrativa da criação do homem e da mulher em Gn 2,4b-25 na perspectiva dos métodos histórico-crítico e da análise narrativa, em busca dos aspectos literários contidos na perícopé, questões ficaram evidentes: a narrativa da criação do Gn 2,4b-25 não pretendeu ser uma crônica histórica das origens da humanidade. O texto exige do leitor uma compreensão que ultrapasse a decodificação das letras escritas. A narrativa, rica em elementos literários e recursos da linguística da época, pretendeu ser uma profissão de fé.

A literatura, com todos os seus recursos, é a arte da qual se serviu o povo da Bíblia para expressar sua visão de mundo: a concepção de Deus, a concepção do mundo e do ser humano. Neste sentido, a Bíblia já nasceu como literatura da fé, rica em seus aspectos literários já nas origens e a partir da situação real em que viveu o povo da Bíblia.

A série de eventos que marcaram a história do Oriente Próximo foi fundamental para a construção da história das civilizações da Antiguidade. Às margens dos grandes rios Tigre, Eufrates e Nilo se estabeleceram as mais antigas civilizações que determinariam os rumos da história antiga e que ficaram mundialmente conhecidas.

Num território altamente disputado pelas grandes e poderosas nações, no quadro geográfico e cultural das civilizações antigas, se encontra a história de um pequeno grupo humano cuja memória foi preservada até os dias de hoje graças a seu *corpus* literário. Graças a sua geniosa capacidade de memória escrita, Israel tornou-se um dos nomes mais conhecidos da história humana.

A análise do texto permitiu perceber o provável contexto histórico e a situação concreta em que nasceu a perícopé do Gn 2,4b-25. O exílio babilônico com suas dolorosas deportações para a elite de Judá significou mais que um golpe político e econômico. Fundou o contexto em que Israel revisitou a sua própria história e analisou a própria consciência enquanto povo de Deus.

No contexto do exílio, da desmoralização do povo o autor javista faz uma espécie de retrospectiva que refresca a memória do povo. Ele recorda que Iahweh é um poderoso Deus Criador que favorece grandemente sua gentel. Desse modo, o autor javista (que, como o eloísta, se refere a Deus como Elohim) apresenta uma narrativa suplementar que afirma a grandiosidade do Deus de Israel.

O estudo do texto do Gn 2,4b-25 ajudou ainda a perceber a riqueza cultural e o diálogo entre as culturas no Oriente Próximo. Israel não só conheceu outras literaturas como também foi profundamente influenciado por elas. O estudo comparado permitiu ainda distanciar os textos produzidos pela elite judaica dos textos produzidos por outras nações da Antiguidade. Israel criou sua própria identidade literária, cultural e histórica.

O estudo do Gn 2,4b-25 permitiu também uma análise da antropologia subjacente à narrativa. Diferente da visão de outras culturas da Antiguidade, o ser humano, de acordo com a narrativa do Gn 2,4b-25, é criado não para o serviço dos deuses, mas para a relação com Deus e com as coisas criadas. O homem e mulher são criados por Deus em igual dignidade e em total harmonia com o mundo criado.

O ser humano foi criado por Deus. E, todas as coisas criadas estão em função e a serviço do homem e da mulher na sua relação com Deus. Para o autor do Gn 2,4b-25, Deus é apresentado como aquele que cuida da criatura e assim o faz preparando-lhe um “jardim”. Segundo a analogia do jardim, é Deus quem prepara um lugar repleto por vida, que é a sua criação. Ele é apresentado como um Deus cuidador.

Na lógica da narrativa, Deus deve ocupar a centralidade da vida humana, pois na simbologia da árvore da vida é ele mesmo, a fonte da vida que cria e renova todas as coisas. A teologia presente no texto de Gn 2,4b-25 é, genuinamente, marcado pela vida de Deus que reflete na sua criação. IHWY é um escultor talentoso e um excelente jardineiro! Ele, diferentemente dos deuses babilônicos está próximo de sua criação.

Quando o ser humano por orgulho se afasta do centro, que é Deus, sua vida converter-se-á em morte (medo, vergonha). Mas, no projeto inicial, o ser humano foi “pensado” por Deus para viver no “jardim”, ou seja, na presença de Deus, na companhia dele e sobre o cuidado dele.

Referências

- ABADIA, T. A. J. **A Bíblia como literatura**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ADLER, Mortimer J. **The New Encyclopædia Britannica Vol II**. ed.15^a. Chicago: Britannica, 2007.
- ALTER, R.; KERMODE, F. (org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERGANT, Dianne. **Comentário bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BIBLEWORKS, LCC. **Bible Works**. Versão 7.0.1. Norfolk: BibleWorks, 2007. 7 CDROM.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2011.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOTERRÓ, Jean. **Early Mesopotamia: Society and Economy at the Dawn of History**. Cambridge: Routledge, 1994.
- BRAUMER, Hansjorg. **Gênesis 1: comentário esperança**. Curitiba: Esperança, 2016.
- BRIEND, Jacques. **Uma leitura do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2012.
- CALASSO, R. **Quarantanove grandini**. Milano: Aldelpi, 1991.
- CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnus, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CIMOSA, Mario. **Gênesis1—11 – A humanidade na sua origem**. São Paulo: Paulinas, 1987.

CORRIEA, Júnior. L. **Chave para análise textos da Bíblia**. São Leopoldo: CEBl, 2017.

DOCUMENTOS do mundo da Bíblia. São Paulo: Paulus, 2005.

DONNER, Hebert. **História de Israel e dos povos vizinhos: dos primórdios até a formação dos estados**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

EUVÉ, François. **Pensar a criação como um jogo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FANULLI, Antonio. As “tradições nos livros históricos do AT: novas orientações. In: Fabris, Rinaldo (Org.). **Problemas e perspectivas das ciências bíblicas**. São Paulo: Loyola, 1993.

FARIA, Jacir de Freitas. **As mais belas eternas histórias de nossas origens em Gn 1—11: mitos e contramitos**. São Paulo: Vozes, 2015.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si`**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

GASS, Ildo Bohn. **Exílio babilônico e dominação persa: uma introdução à Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2017.

GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. São Paulo: Record, 2014.

GOMES, PIVA. YHWH. In. **BÍBLIA de estudos: palavras-chave**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1189.

GOMES, PIVA. YHWH. In. **BÍBLIA de estudos: palavras-chave**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1134.

GOMES, PIVA. YHWH. In. **BÍBLIA de estudos: palavras-chave**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1196.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. São Paulo: Paulus, 1998.

HAHN, Scoot; MITCH, Curtis. **O livro dos Gênesis: cadernos de estudo bíblico**. São Paulo: Ecclesiae, 2015.

HUXLEY, Thomas. H. **Man's Place in Nature and Others Essays**. Londres, 1963.

IBÁÑEZ ARANA, Andrés. **Para compreender o livro do Gênesis**. Tradução. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2003.

JONES, London. **O Deus de Israel: na teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2015.

KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio: uma interpretação teológica**. São Paulo: Paulus 2012.

KONINGS, J. **A Bíblia, sua origem e leitura: introdução ao estudo da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LÄPPLE, Alfred. **Bíblia interpretação atualizada e catequese**. Volume 2. São Paulo: Paulinas, 1978.

MACCAMMON, Linda. **A libertação da bíblia**. São Paulo: Loyola, 2010.

MALZONI, Cláudio Vianney. **As edições da Bíblia no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2016.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.13^o, 2010.

MARGERAT, Daniel. BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa**. São Paulo: Loyola, 2009.

MENDONÇA, J. T. **A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação**. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

MESLIN, M. **L`expérience humaine du divin**. Paris: Cerf, 1998.

MESTERS, C. **Paraíso terrestre: saudade ou esperança?** 20^a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MONDIN, Battista. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Paulus, 2000.

MOSER, Antonio. **O enigma da esfinge: a sexualidade**. São Paulo: Vozes, 2003.

MÜLLER, I. **Perspectivas para uma nova teologia da criação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PAYNE, Ellion. R. (2009). **Introdução à antropologia biológica**. Associação Latino-Americana de Antropologia Biológica. 676 páginas. ISBN 978-987-42-3502-2. Traduzido por Caio Cesar Silva de Cerqueira e colaboradores.

RAINER, Kessler. **História social do Antigo Israel**. Trad. Aroldo Raimer. São Paulo: Paulinas, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento** – tradução: Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome**. São Paulo: Paulus, 2016.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHREINER, Josef. **O Antigo Testamento: um olhar atento para sua palavra e mensagem**. São Paulo: Hagnus, 2012.

SELLA, Adriano. **Por uma Igreja do Reino: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial**. São Paulo: Paulus, 2011.

SELLIER, Philippe. **Para conhecer a Bíblia: um guia histórico e cultural**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

SELLIN, E.; FOHER G. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.

SICRE, Diaz José Luís. **Introdução ao Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SKA, Jean-Louis. **Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2003.

- SKA, Jean-Louis. **O canteiro do Pentateuco**: problemas de composição e de interpretação, aspectos literários e teológicos. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SOTELO, Daniel Martins. **Introdução ao Antigo Testamento**: historia e literatura. Academia Cristã: São Paulo, 2014.
- STADELMANN, Luís j. **Criação e ecologia na Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2007.
- STERNBERG, M. **The Poetics of Biblical Narrative**: Ideological Literature and the Drama of Reading. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- VIVIANO, P. Gênesis. In: **Comentário bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- VIVIANO, Pauline. **Comentário bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ Paulus, 1998.
- WESTERMANN, C. **A Continental Commentary**: Genesis 1-11. Minneapolis: Publishing House, 1984.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.

Referências citadas

- BÍBLIA do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2011.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. São Paulo: Paulus 2014.
- KESSLER, Rainer. **Historia social do antigo Israel**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MCDONALD, Lee Martin. **A origem da Bíblia**: um guia para perplexos. São Paulo: Paulus, 2013.